

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
COMUNICAÇÃO SOCIAL/ PUBLICIDADE E PROPAGANDA

ANA SOPHIA RAMOS MACIEL CORDEIRO

A propaganda da morte: uma análise das publicações do presidente Jair
Bolsonaro nas redes sociais durante o período pandêmico.

RECIFE

2022

ANA SOPHIA RAMOS MACIEL CORDEIRO

A propaganda da morte: uma análise das publicações do presidente Jair
Bolsonaro nas redes sociais durante o período pandêmico.

Trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social/Publicidade na
Universidade Federal de Pernambuco

Orientadora: Cecília Almeida

RECIFE

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Cordeiro, Ana Sophia Ramos Maciel.

A propaganda da morte: uma análise das publicações do presidente Jair Bolsonaro nas redes sociais durante o período pandêmico. / Ana Sophia Ramos Maciel Cordeiro. - Recife, 2022.

80, tab.

Orientador(a): Cecília Almeida Rodrigues Lima

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Publicidade e Propaganda - Bacharelado, 2022.

Inclui referências, anexos.

1. Covid. 2. Jair Bolsonaro. 3. Twitter. 4. Redes Sociais. I. Lima, Cecília Almeida Rodrigues. (Orientação). II. Título.

070 CDD (22.ed.)

ANA SOPHIA RAMOS MACIEL CORDEIRO

A propaganda da morte: uma análise das publicações do presidente Jair Bolsonaro nas redes sociais durante o período pandêmico.

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Universidade Federal de Pernambuco, como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em publicidade e propaganda.

Recife, 19 de outubro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha mãe pelo apoio incondicional aos meus estudos e pelos esforços desmedidos para me ajudar a realizar o sonho de ingressar em uma universidade pública. Tenho a certeza de que essa é uma conquista tão minha quanto dela e que sem ela nada disso seria possível.

Quero agradecer também às minhas avós, Fátima e Etiene, que impulsionaram a base da minha educação desde a infância, sempre me acompanhado em cada momento da minha vida. Ao meu companheiro, Rodrigo Falcão, agradeço pela parceria e paciência durante os 2 últimos anos de graduação e pandemia que me deram o gás necessário para seguir em frente.

Agradeço também a Universidade Federal de Pernambuco que investiu em mim desde o primeiro semestre de graduação, ao Programa Fora da Curva que me formou enquanto profissional e cidadã para falar o que a maioria cala. Agradeço às professoras Cecília Almeida, Yvana Fachine e Ana Veloso por todas as informações compartilhadas, por tamanho conhecimento difundido e uma presença inesquecível na minha vida acadêmica que apenas se inicia.

Aos meus amigos, sou grata por todas as angústias compartilhadas durante a graduação. Eles foram responsáveis por tornar todos os desafios mais leves e possíveis. Para as minhas colegas de Trabalho não posso deixar de agradecer pela compreensão e parceria durante o período de produção do trabalho.

RESUMO

O presente trabalho analisa como o discurso de Jair Bolsonaro enfraqueceu o combate à pandemia no Brasil, tomando por base suas publicações no Twitter. Parte da hipótese de que as mensagens negacionistas publicadas por Bolsonaro, que muitas vezes iam de encontro às recomendações de organizações de saúde de todo o mundo, contribuíram para a desinformação e referendaram a falta de ação de seu governo durante alguns dos piores momentos da emergência sanitária. Levando em consideração os conceitos de análise de mídias levantados por Raquel Recuero (2012), foi realizada uma análise de um corpus de 717 tweets publicados durante o período pandêmico pelo perfil oficial do presidente Bolsonaro no Twitter, assumindo como categorias de análise 1) Medidas de isolamento social; 2) Uso de máscaras; 3) Tratamento precoce/Kit Covid e 4) Vacina, a fim de verificar como o presidente se posicionou em seu perfil oficial a respeito desses assuntos. Com esta monografia, espera-se colaborar para um cenário de estudos críticos sobre a internet, considerando a presença de pautas políticas nas plataformas digitais e a influências dos algoritmos de personalização na segmentação da informação.

Palavras-chave: Redes sociais; Covid; Twitter; Jair Bolsonaro.

ABSTRACT

The present project analyzes how Jair Bolsonaro's speech weakened the fight against the pandemic in Brazil, based on his publications on Twitter. It starts from the hypothesis that the denialist messages published by Bolsonaro, which often went against the recommendations of health organizations around the world, contributed to misinformation and endorsed the lack of action by his government during some of the worst moments of the health emergency. Considering concepts of media analysis raised by Raquel Recuero (2012), an analysis of a corpus of 717 tweets published during the pandemic period by President Bolsonaro's official Twitter profile was carried out, assuming as categories of analysis 1) Measures of social isolation; 2) Use of masks; 3) Early Treatment/Covid Kit and 4) Vaccine, to verify how the president has positioned himself in his official profile regarding these matters. With this monograph, we hope to contribute to a scenario of critical studies on the internet, considering the presence of political schedules on digital platforms and the influences of personalization algorithms in the segmentation.

Key-Words: Social Media; Covid; Twitter; Jair Bolsonaro.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A PANDEMIA NO BRASIL	11
2.1 Um país desgovernado em plena pandemia	14
2.2 A vacinação contra a COVID-19 no Brasil	22
3 O GOVERNO POPULISTA DE BOLSONARO	26
3.1 Populismo Digital: O artifício por trás da aceitação de Bolsonaro	30
3.2 A mentira como estratégia	37
4 MÍDIA DIGITAL, UMA GRANDE ALIADA	42
4.1 Como funcionam as redes sociais	46
4.1.1 Dados e algoritmos	49
4.2 O Twitter	52
5 O TWITTER DE BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA, UMA ANÁLISE	56
5.1 Metodologia	57
5.2 Medidas de isolamento e distanciamento social	59
5.3 O uso de máscaras	64
5.4 Kit Covid	68
5.5 Vacina	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
7 REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), no dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan. Tratava-se de um novo tipo de coronavírus que não havia sido identificado antes em seres humanos. Em janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constituiu uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, o mais alto nível de alerta da Organização.

A decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Desde então, o novo vírus tornou-se tema de diversas notícias no Brasil e no mundo. De lá para cá, vimos nossa rotina sendo interrompida pela necessidade de resguardar e reunir esforços para combater a pandemia. De acordo com a OMS (2020), o coronavírus é uma família de vírus que causa doenças respiratórias, o vírus (Sars-COV-2) que começamos a enfrentar em 2020 é uma variação da família coronavírus que possui uma grande capacidade de transmissão.

O Brasil observou a forma rápida e inédita com que o novo vírus se espalhou. O evento sem antecedentes e, portanto, com escassas informações científicas que esclarecessem como se proteger, como prevenir e como combater, causou um alvoroço em toda a população brasileira. Diversos foram os fenômenos comunicativos que surgiram a partir da situação, e a desinformação tomou o protagonismo da contramão do combate à pandemia. Medidas protetivas foram desacreditadas, surgiram remédios milagrosos e a letalidade do vírus também foi questionada.

Apesar de um grande esforço da mídia em disseminar informações oficiais, e de ter desempenhado um papel importante no combate ao vírus, o Brasil ultrapassou a marca de 1 milhão de infectados pelo coronavírus. Até 18 de outubro de 2022, já eram mais de 34 milhões de contaminados e 687.114 mortos, consoante o Ministério da Saúde. Ainda assim, o então presidente da República por vezes minimizou a gravidade da situação, desacreditando de informações oficiais durante transmissões ao vivo semanais nas redes sociais em que aproveitava o espaço para se posicionar contra as medidas preventivas, criticando duramente as quarentenas,

questionando a eficácia de vacinas e sugerindo o uso de remédios sem nenhum embasamento científico.

O presidente recorreu às redes sociais para compartilhar informações oficiais sobre o combate à pandemia, centralizando todas as informações em sua rede privada e descredibilizando qualquer entidade pública de saúde que o contrariasse. Assistimos a uma verdadeira propaganda da morte, no seu sentido mais puro, o de divulgar uma ideia com alta taxa de letalidade. Nesse projeto pretende-se observar como o presidente Jair Bolsonaro recorreu ao populismo digital para se consagrar como um líder carismático e as consequências desse posicionamento no combate à pandemia.

A atual pesquisa recorre à análise de redes sociais para avaliar o impacto das publicações presidenciais no Twitter e avaliar o grau de importância que a rede social assumiu no combate a Covid-19. O objetivo é realizar uma análise qualitativa das publicações e observar de que forma os discursos negacionistas impactaram o controle da propagação do vírus. Nossa hipótese é de que a narrativa sobre as medidas de proteção contra o coronavírus foi capturada pelo presidente Bolsonaro e seus apoiadores, de forma que usuários que defendem diferentes pontos de vista tendem a não considerar as mesmas fontes de informação. Também busca-se extrair informações e dados que possam comprovar a relação entre o discurso compartilhado nas redes sociais e o número de mortos por Covid-19 no Brasil.

2 A PANDEMIA NO BRASIL

O Sars-CoV-2, novo coronavírus que causa a doença da Covid-19, foi identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 na China, conforme o Instituto Butantan¹. Antes disso, o vírus nunca tinha sido identificado em humanos. A transmissão do vírus acontece por via direta (de pessoa para pessoa), por gotículas expelidas pelo nariz e boca de infectados, ou por via indireta, por contato com objetos infectados anteriormente. Conforme a OMS (2020)², as principais medidas de prevenção à disseminação do novo coronavírus são: distanciamento social, uso de máscaras e higiene das mãos. Os principais sintomas da doença são tosse, dificuldade para respirar, dores na garganta e febre. É possível que pessoas contaminadas não apresentem sintomas. Em outros casos, a doença pode causar pneumonia ou síndrome respiratória aguda grave, podendo levar a óbito.

Em março de 2020, a organização definiu o cenário como de “emergência internacional de saúde” e chamou atenção para a necessidade de uma resposta urgente e agressiva dos países para conter as infecções. Após a detecção do vírus, alguns países se tornaram o epicentro das diversas ondas da pandemia por conta do alto número de casos - e de óbitos. Ainda em março de 2020, a Itália foi considerada o principal centro de preocupação sobre a doença, consoante a notícia publicada pela BBC News em fevereiro de 2020³.

Já em abril, os Estados Unidos passaram a registrar um grande número de infecções, situando-se como o “novo” epicentro. A evolução do quadro pode ser observada na Figura 1. Não demorou muito para que o Brasil despontasse como uma das regiões mais afetadas pela pandemia. Esse período iniciou em maio de 2020 e se manteve até outubro, quando a Europa voltou a ser considerada o epicentro da doença⁴. Na época, o Brasil contava com um total de 5.537.763 casos

¹ Como surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem. **Instituto Butantan**. Disponível em <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>>. Acesso em 15 set. 2022.

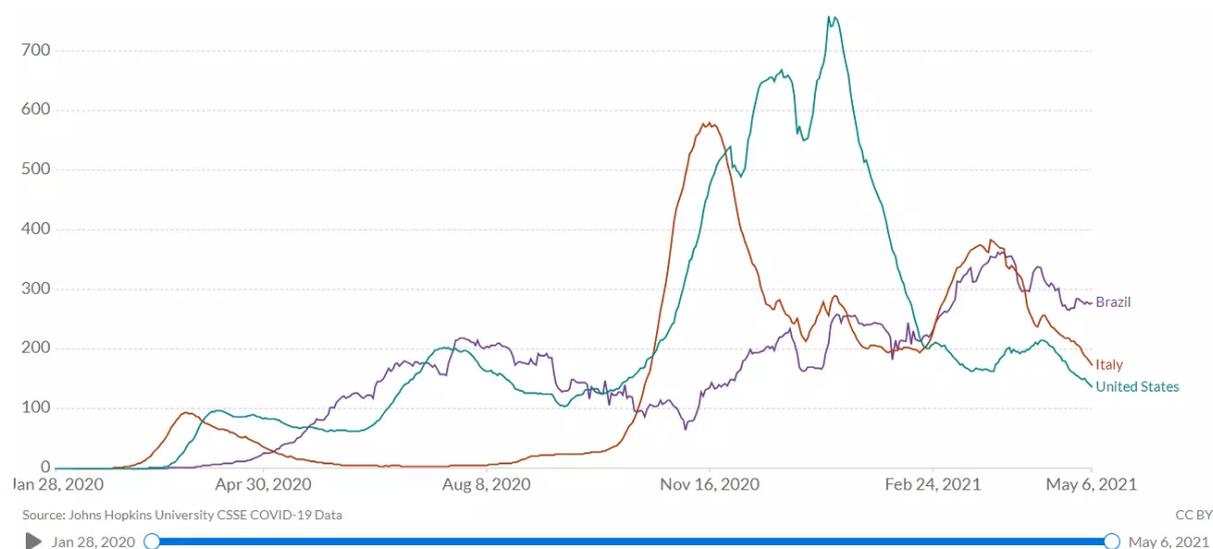
² Como se proteger? Confira medidas não farmacológicas de prevenção e controle da pandemia do novo coronavírus. **Ministério da Saúde**. 8 de abr. 2021. Disponível em <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-proteger>>. Acesso em 15 set. 2022.

³ Coronavírus: como a Itália tomou lugar da China como principal foco de preocupação sobre a covid-19. **BBC News Brasil**. 27 fev 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51661091>>. Acesso em 15 set. 2022

⁴ Europa é o epicentro da pandemia de covid-19, mas pode evitar confinamento. **JN Direto**, 2020. Disponível em <<https://www.jn.pt/mundo/europa-e-o-epicentro-da-pandemia-de-covid-19-mas-pode-evitar-confinamento-12965962.html>>. Acessado em 18 de outubro de 2022.

e 159.972 mortes por Covid-19. A Europa se manteve em foco até abril de 2021, onde precisou retomar as medidas de isolamento social mais intensas para poder reverter o quadro. Em maio de 2021, o Brasil voltou a ser considerado o foco de contaminação pelo novo vírus, como mostra o gráfico abaixo:

Figura 1: Número diário de casos confirmados de Covid-19 por milhão de pessoas.



Fonte: Our World In Data (2022, tradução nossa)⁵

O primeiro caso de contaminação por Covid-19 no Brasil foi registrado em 26 de fevereiro de 2020. No mesmo mês, o Ministério da Saúde declarou emergência em saúde pública de importância nacional. As medidas de restrição e isolamento foram desempenhadas de forma descentralizada. No dia 15 de abril de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que o governo dos estados e municípios poderiam definir suas medidas de isolamento e de quarentena.

Marcado pela instabilidade política, o combate a contaminação assistiu a diversos afastamentos do cargo de Ministro da Saúde⁶, atualmente ocupado por Marcelo Queiroga, quarto ministro desde o início da pandemia. O médico cardiologista substituiu o General Eduardo Pazuello, que ocupou por mais tempo o cargo.

⁵ Daily new confirmed COVID-19 cases per million people. Our World In Data, 2022. Disponível em <<https://ourworldindata.org/>>. Acessado em 18 de outubro de 2022.

⁶ Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga: os 4 ministros da Saúde da pandemia. **UOL**. São Paulo. 15 mar. 2021. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>>. Acessado em 15 set. 2022.

Luiz Henrique Mandetta, médico ortopedista, ocupou o cargo entre janeiro de 2019 até abril de 2020. Sua gestão foi marcada pela defesa das medidas de isolamento social e forte recomendação das orientações da OMS. O motivo apontado para o seu afastamento do cargo seria "divergências" ideológicas com o presidente Jair Bolsonaro em relação às medidas de proteção e uso da cloroquina no tratamento da Covid-19.

Nelson Teich, médico oncologista, assume em abril de 2020 e permanece até maio do mesmo ano. Permanecendo apenas alguns dias, não pôde fazer muito como ministro saúde. Assim como seu antecessor, Teich defendia as medidas de isolamento para reduzir a taxa de transmissão do coronavírus. Porém, Bolsonaro defendia a recomendação para uso de tratamento precoce e a flexibilização das medidas de proteção. Mais uma discordância ideológica aparece como motivo para o afastamento.

Eduardo Pazuello, general da ativa do Exército, assumiu o cargo por mais tempo, ficando desde maio de 2020 até março de 2021. Como Ministro da Saúde, Pazuello lançou o protocolo de tratamento da covid-19, que recomendava a utilização da cloroquina, como defendia o presidente Jair Bolsonaro. Seu mandato ficou marcado pela frase "um manda, outro obedece", proferida durante uma transmissão ao vivo por meio das redes sociais de Bolsonaro. Foi durante seu mandato que o Brasil passou pela omissão da crise sanitária do Amazonas, na qual pacientes morreram asfixiados por falta de oxigênio, e pela demora na negociação com laboratórios de vacinas contra a covid.

Segundo o UOL Notícias, em publicação realizada no dia 15 de março de 2021, o motivo do afastamento do general seria a pressão realizada por parlamentares do "centrão" que criticavam a relação entre Bolsonaro e Pazuello após os consecutivos recordes de morte por covid-19 e o ritmo lento de vacinação foram os impulsionadores das críticas. A troca resultou na ocupação do cargo pelo presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, Marcelo Queiroga.

Queiroga defende o isolamento social como forma de combate à pandemia e se posiciona contrário ao tratamento precoce à base de cloroquina, medicamento que é comprovadamente ineficaz contra a covid-19. Em 2020 as projeções da OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde) projetava um total de 80.000 mortos para o mês de agosto. No mês de dezembro do mesmo ano, em Manaus, o volume de internações sobrecarregou o sistema de saúde da região e as unidades de

internação ficaram sem oxigênio. Esse movimento gerou o “colapso do sistema de saúde”⁷ no início de 2021.

Durante o período de colapso do sistema de saúde, havia mais pacientes do que leitos disponíveis. De acordo com o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN)⁸, o país viveu a maior crise sanitária e hospitalar da história do Brasil. Em abril de 2021, o Brasil ultrapassou a marca de 4.000 mortos por dia, de acordo com dados do Ministério da Saúde. O tamanho do impacto causado pela pandemia da Covid-19 encontra como justificativa muito mais do que as dimensões continentais do país, é importante salientar o comportamento do presidente (Jair Bolsonaro) e a forte desigualdade social.

2.1 Um país desgovernado em plena pandemia

Para falar sobre o Governo brasileiro durante a pandemia, é preciso voltar até o começo do Governo de Jair Bolsonaro. O caminho percorrido até o planalto contou com forte apoio das redes sociais digitais, o discurso anticomunismo e a vontade de crescer entre os eleitores contrários ao Partido dos Trabalhadores (PT). Essa estratégia política começou a ser implementada ainda durante o Impeachment de Dilma Rousseff⁹ em 2016.

O processo de Impeachment teve início em 2 de dezembro de 2015, com duração de 273 dias, o caso foi encerrado em 31 de agosto de 2016 tendo como resultado a cassação do mandato. Uma das justificativas para o pedido era a alegação de que a presidente teria cometido crime de responsabilidade pela prática das "pedaladas fiscais".

Foi durante a votação do processo que Bolsonaro consolidou publicamente suas ambições governamentais. “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante

⁷ O colapso no sistema de saúde em Manaus e o descaso do governo. **CNN**. São Paulo. 20 jan. 2021. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-colapso-no-sistema-de-saude-em-manaus-e-o-descaso-do-governo/>>. Acessado em 15 set. 2022.

⁸ Coronavírus: como o sistema de saúde de Manaus chegou ao colapso. **COFEN**. 18 jan. 2021. Disponível em <http://www.cofen.gov.br/coronavirus-como-o-sistema-de-saude-de-manaus-chegou-ao-colapso_84518.html>. Acessado em 15 set. 2022.

⁹ Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. **Senado Notícias**. 28 jan. 2016. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>. Acessado em 15 set. 2022.

Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim” (BOLSONARO, 2016). É importante mencionar que Ustra¹⁰ foi o chefe do DOI-Codi, órgão de repressão política do governo militar. Durante o comando do coronel, 50 pessoas foram assassinadas ou desapareceram e 500 pessoas foram torturadas, conforme a Comissão Nacional da Verdade.

De 2016 em diante, declarações como “o erro da ditadura foi torturar e não matar” no programa Pânico da Rádio Jovem Pan, em julho de 2016, e compartilhamentos frenéticos construíram a maior parte do seu eleitorado. Em 2018, a campanha presidencial de Jair Bolsonaro protagonizou diversos momentos polêmicos. Um dos acontecimentos de ampla divulgação, envolvendo o até então candidato, ocorreu no dia 6 de setembro de 2018. Na data, Bolsonaro foi atingido por um golpe de faca enquanto cumpria sua agenda eleitoral em Minas Gerais. De acordo com matéria publicada pelo Poder 360¹¹, o acontecimento foi um fato histórico por representar o primeiro atentado no Brasil contra um postulante ao Palácio do Planalto. O autor da facada foi Adélio Bispo de Oliveira, que foi preso e confessou o crime. O evento fez com que Bolsonaro, que já tinha forte presença nas redes sociais digitais, também estivesse presente em todos os jornais brasileiros durante semanas, e potencializou a produção de um imaginário que situava o candidato como salvador.

O posicionamento populista, a sua forte presença nas redes e uma narrativa que identificava a necessidade combater um inimigo criou um terreno fértil para a sua consolidação, ao ponto de permitir que o até então candidato pudesse se abster de debates eleitorais. Com uma vitória marcada por 55,21% dos votos válidos, o político, até então de “baixo clero”, escalou ao Palácio do Planalto.

Já no início do seu segundo ano de governo, Bolsonaro precisou se posicionar diante do aumento de casos da COVID-19. Seus primeiros passos determinaram o rumo do combate à pandemia no país. Em pronunciamento feito no dia 24 de março de 2020, ele dizia:

¹⁰ Discurso de Bolsonaro deixa ativistas 'estarecidos' e leva OAB a pedir sua cassação. **BBC News Brasil**. 19 abr. 2016. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb>. Acessado em 15 set. 2022.

¹¹ Bolsonaro é atingido por golpe de faca em Minas Gerais. **Poder 360**, 2018. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/bolsonaro-e-atingido-por-golpe-de-faca-em-minas-gerais/>>. Acessado em 18 de outubro de 2022.

[...] Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. [...]

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho (BOLSONARO, 2020).

É importante mencionar que as primeiras medidas de contenção foram tomadas no dia 13 de março de 2020, quando se registrava 151 casos, que determinava que todos os passageiros de voos/cruzeiros internacionais precisariam cumprir 15 dias de isolamento. Porém, a medida foi revogada no mesmo dia, de acordo com relato do agora ex-ministro Henrique Mandetta:

Menos de duas horas depois da publicação do documento começou uma gritaria promovida pelo lobby do setor de turismo, reclamando dos prejuízos que a medida traria para os operadores de cruzeiros. O presidente Jair Bolsonaro imediatamente me ligou querendo explicações e pedindo que eu cancelasse o boletim. [...]. O Ministério da Saúde já enfrentava muitos desafios, e achei que não seria prudente entrar em rota de colisão com o presidente e seus ministros tão cedo (MANDETTA, 2020, p. 83-84).

É neste momento que uma contradição torna-se evidente. Mandetta faz questão de pontuar que a partir daquele domingo, dia 15, que duas mensagens dissonantes começaram a circular juntas. “O Ministério da Saúde indicava um caminho, e o presidente enviava uma mensagem no sentido oposto, a de não respeitar as orientações do seu próprio Ministério. Antes já havia essa resistência, mas não era pública” (MANDETTA, 2020, p. 32).

Mandetta não foi o único a reconhecer uma postura incoerente na gestão do Governo Federal. O infectologista Júlio Croda, que na época ocupava a Diretoria do Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis do Ministério da Saúde, se demitiu em março do mesmo ano e afirmou que “Não quis ser responsável por essa recomendação equivocada contra o isolamento social e por um número importante de óbitos”, durante uma transmissão ao vivo no canal do YouTube “Questão de Ciência”. Croda ainda mencionou que Bolsonaro censurou as medidas de contenção propostas no “Boletim Epidemiológico”.

A estratégia de combate à pandemia já estava traçada. O pronunciamento do dia 24 de março, que foi anteriormente mencionado, apesar de ter encontrado resistência por boa parte da população brasileira, possibilitou uma conexão sólida entre os mais fiéis seguidores do bolsonarismo, facilitando o insucesso das medidas de contenção.

A repercussão do seu pronunciamento foi intensa, Bolsonaro falava para os seus seguidores mais fiéis. O “Monitor do debate político no meio digital”¹² evidenciou que o presidente foi responsável pelas postagens de maior engajamento no Facebook, por publicação realizada em março do mesmo ano. Sua página foi responsável por 6 dos 10 posts com mais reações. Além disso, ele teria conquistado um grande número de seguidores logo em seguida. A postura adotada no pronunciamento oficial manteve-se a mesma, resultando em uma minimização constante dos riscos da pandemia. O impacto desta postura pode ser observado ainda durante o primeiro mês de pandemia, como mostra o quadro 1.

Quadro 1: Declarações de Jair Bolsonaro durante o mês de março de 2020 x Número de casos e mortes por COVID-19

Declaração	Data	Número total de casos	Número de mortos
“Esse vírus trouxe uma certa histeria. Tem alguns governadores, no meu entender, posso até estar errado, que estão tomando medidas que vão prejudicar e muito a nossa economia”.	17/03/20, em entrevista a super Rádio Tupi	321	1
“O povo foi enganado esse tempo todo sobre o vírus. O que tinham que falar é que o vírus virá. Ninguém discute isso. Infelizmente, vai ter que enfrentar. Vamos procurar salvar o máximo de vidas, preparando os hospitais, máscaras etc. Isso está sendo feito.”	26/03/2020, em coletiva de imprensa.	2.985	77
“Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida, todos nós	29/03/2020, em entrevista em	4.256	136

¹² Postagem do Monitor do Debate Político no Meio Digital, 4 abr. 2020. Disponível em <<https://www.facebook.com/monitorordodebatepolitico/>>. Acesso em: 18 out. 2022.

vamos morrer um dia”.	Brasília.		
-----------------------	-----------	--	--

Fonte: Our World in Data e Universidade Johns Hopkins, 2022.

As declarações de Bolsonaro foram amplamente compartilhadas por divulgação de mensagens nas redes sociais pelas estruturas bolsonaristas, conhecidas como "Gabinete do Ódio", supostamente em funcionamento dentro do Palácio do Planalto. Conforme a delegada Denise Dias Rosa Ribeiro, o grupo promove desinformação e ataques contra adversários com objetivo de obter vantagens para o grupo ideológico¹³, de acordo com notícia publicada pelo Estadão.

É importante mencionar também que o Gabinete do Ódio está no centro da criação de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), sendo esta uma investigação conduzida pelo Poder Legislativo que transforma a própria casa parlamentar em comissão para ouvir depoimentos e tomar informações. Conhecida como “CPMI das Fake News”, a investigação resultou em operações contra assessores, deputados, blogueiros e empresários próximos à família Bolsonaro, ainda segundo o Estadão.

Não é possível afirmar a dimensão do alcance dessa estrutura, já que os disparos aconteceram em grupos privados de aplicativos de mensagem como WhatsApp e Telegram. O que se pode observar é um comportamento que subestima os riscos do vírus, que induzia a acreditar que a pandemia não se desenvolveria no Brasil. O projeto “Eleições sem Fake”, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e o “Monitor de Debate Político Digital” da Universidade de São Paulo (USP), analisaram 2.108 áudios que circularam, entre os dias 24 e 28 de março de 2020, em grupos públicos de WhatsApp que contavam com a participação de mais de 18 mil usuários ativos. A análise mostra que entre os 20 áudios de maior circulação, cinco negam a gravidade da COVID-19. O conteúdo conta com supostos depoimentos de médicos e testemunhas afirmando que as CTIs (Centro de Terapia Intensiva) estão vazias, as funerárias estão sem corpos e os mortos por acidente estão sendo contabilizados como mortos pelo vírus.

¹³ Bolsonaro e o 'gabinete do ódio':entenda as investigações da PF. **Estadão**. 11 fev. 2022. Disponível em <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-e-o-gabinete-do-odio-entenda-as-investigacoes-da-pf,70003976392>>. Acessado em 15 set. 2022.

O segundo áudio mais compartilhado contava com 240 compartilhamentos, feitos em 204 grupos por 94 usuários diferentes. Nele, um homem afirma que nenhuma pessoa em situação de rua foi internada em hospitais do Rio de Janeiro devido ao Coronavírus. Diz, também, que dependentes químicos não são afetados pela doença e que isso atesta da falta de necessidade de um isolamento social intenso. Em nota técnica, O Monitor do debate Político no Meio Digital¹⁴ confirma a relação entre o apoio a Bolsonaro e o relaxamento das medidas de proteção e afirma que “o relaxamento do distanciamento social posterior ao pronunciamento foi mais forte entre apoiadores do presidente”.

Em abril de 2020, os números começam a provar o oposto, com a quantidade de mortes dobrando a cada semana. O foco das mensagens passa a ser o anúncio de medicamentos “milagrosos”, como é o caso da hidroxicloroquina. O “kit covid”, nome dado ao tratamento precoce, surge como uma promessa de cura contra o vírus sem nenhuma comprovação científica da sua eficácia.

Segundo a Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias do Sistema de Saúde (Conitec), os medicamentos foram testados e não mostraram nenhum tipo de benefício clínico para os pacientes infectados pela Covid-19, em documento enviado para a CPI da Covid em 2021 que analisou o uso de cloroquina, hidroxicloroquina, azitromicina e ivermectina. Durante esse período, Bolsonaro se posicionava da seguinte forma:

Quadro 2: Declarações de Jair Bolsonaro durante o mês de abril de 2020 x Número de casos e mortes por COVID-19

Declaração	Data	Número total de casos	Número de mortos
“Depois da destruição, não interessa mostrar culpados”.	01/04/20, em publicação na sua conta do Twitter	6.836	242
“Estou respondendo processos dentro e fora do Brasil, sendo acusado de genocídio, por ter defendido uma tese diferente da OMS. Pessoal fala tanto em seguir a OMS. O diretor presidente da OMS é medico? Não é medico! Sabia disso? É a mesma coisa de falar, aqui no	23/04/2020, em live nas suas redes sociais.	50.036	3.320

¹⁴ Nota Técnica #09 – Eleitores e apoiadores de Bolsonaro respeitam menos a quarentena. **Monitor de Debate Política do Meio Digital**. Disponível em <https://www.monitordigital.org/2020/05/06/nota-tecnica-09/?fbclid=IwAR2F3_TkJ-tjj7UYpL24wpBstUtXIZ-DHXwO8d-iiUCfpGFmQP7yAVgdOqE>. Acessado em 15 de set. 2022.

Brasil, que o presidente da Caixa não fosse alguém da economia. Não tem cabimento. Se eu fosse presidente da Caixa, com todo respeito, não ia fazer nada lá. Se você viesse para o exército, não ia fazer nada lá também”.			
“E daí? Lamento, quer que faça o quê? Eu sou Messias, mas eu não faço milagre”.	28/04/2020, em live nas suas redes sociais.	73.235	5.050
“Essa é a OMS que muitos dizem que devo seguir no caso do coronavírus. Deveríamos então seguir também suas diretrizes para políticas educacionais?”	29/04/2020, em publicação no Facebook em que compartilhava informações falsas de que a OMS recomendava masturbação e relações homossexuais para crianças.	79.685	5.484

Fonte: Our World in Data e Johns Hopkins, 2022.

O Brasil encerrou o mês de abril sendo apontado como o país com a maior taxa de contágio por Covid-19 em todo mundo, segundo estudo do Imperial College London. Durante a primeira semana de maio o país soma 7.390 óbitos, batendo um recorde de 600 mortes em 24 horas. No dia 7 de maio de 2020, seis estados brasileiros apresentaram colapso na rede privada de saúde, sendo eles: Rio de Janeiro, Ceará, Pernambuco, Amazonas, Maranhão e Pará, de acordo com dados publicados pelo Sanar Saúde (2021). No segundo semestre de 2020 os números continuaram aumentando, enquanto o presidente insistia em manter a estratégia de combate.

Quadro 3: Declarações do presidente Jair Bolsonaro durante o segundo semestre de 2020 x Números de casos e mortes por COVID-19.

Declaração	Data	Número total de casos	Número de mortos
“Ah, não tem comprovação científica que seja eficaz’. Mas também não tem comprovação científica que não tem comprovação eficaz. Nem que não tem, nem que tem.”	16/07/20, sobre cloroquina em live presidencial.	2.017.616	76.688
“Vamos tentar a responsabilização e o esclarecimento da verdade no tocante a essa matéria, que não dá para a gente não se defender disso. Porque uma acusação de genocida para cima de mim no horário	13/08/2020, sobre matéria da TV Globo acerca do marco de 100 mil mortos.	3.233.820	105.463

nobre...”			
“O pessoal da grande mídia fala que eu chamei de gripezinha a questão do COVID. Não existe um vídeo ou um áudio meu falando dessa forma.”	26/11/2020, durante live presidencial em redes sociais.	6.212.265	171.460

Fonte: Our World in Data e Johns Hopkins, 2022.

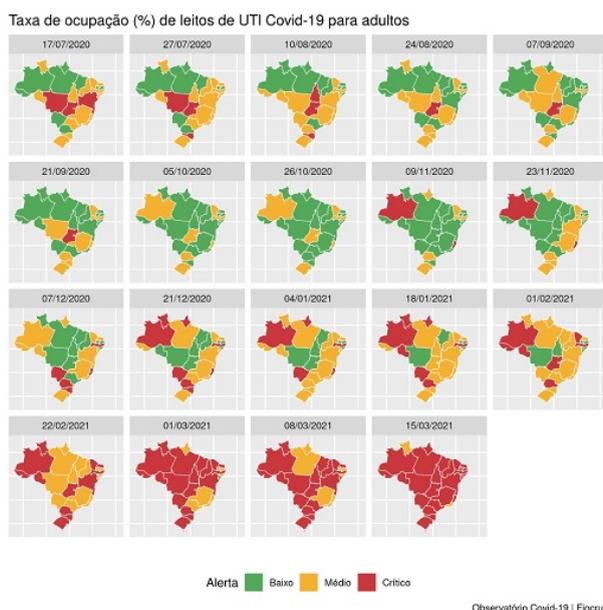
O Brasil encerrou seu primeiro ano de pandemia com mais de 7 milhões de casos confirmados e mais de 190 mil mortes por COVID-19. Em março de 2021 a Fiocruz divulgou mais uma edição do Boletim Extraordinário do Observatório Covid-19. A análise evidenciou uma situação extremamente crítica em todo país, indicando o maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil.

Segundo o Boletim, 27 unidades federativas, 24 estados e o Distrito Federal contavam com uma taxa de ocupação dos leitos de UTI para adultos iguais ou superiores a 80%, sendo 15 iguais ou superiores a 90%. Os dados foram informados pelas secretarias estaduais de Saúde. O Boletim afirma que:

A fim de evitar que o número de casos e mortes se alastrem ainda mais pelo país, assim como diminuir as taxas de ocupação de leitos, os pesquisadores defendem a adoção rigorosa de ações de prevenção e controle, como o maior rigor nas medidas de restrição às atividades não essenciais. Eles enfatizam também a necessidade de ampliação das medidas de distanciamento físico e social, o uso de máscaras em larga escala e a aceleração da vacinação. (FIOCRUZ, 2021).

A figura 1 mostra como estava a ocupação dos leitos de UTI de Covid-19, apresentando um histórico desde o momento que o indicador passou a ser utilizado no país. A interpretação dos dados mostra o estado de Pernambuco com 82%, na zona de alerta crítico.

Figura 2: Taxa de ocupação (%) de leitos de UTI COVID-19 para adultos.



.Fonte: Observatório Covid-19 - Fiocruz, 2022

2.2 A vacinação contra a COVID-19 no Brasil

A rápida evolução do quadro pandêmico mundial fez com que cientistas e pesquisadores ao redor do mundo focassem seus esforços no desenvolvimento de uma vacina e na busca por medicamentos que pudessem atenuar os efeitos do vírus. A corrida pela vacina contra o coronavírus esteve acirrada entre empresas farmacêuticas como Pfizer, AstraZeneca e Sinovac que ganharam destaque no desenvolvimento de uma vacina.

O desenvolvimento de vacinas é um processo caro, composto por diversas etapas, podendo demorar anos para produzir. O quadro abaixo descreve as fases do ensaio clínico para a produção de uma vacina segura.

Quadro 4: Fases do ensaio clínico.

Fase	Descrição
Fase I	É o primeiro estudo a ser realizado em seres humanos. Seu objetivo é demonstrar a segurança da vacina
Fase II	Tem por objetivo estabelecer a sua imunogenicidade
Fase III	É a última fase de estudo antes da obtenção do registro sanitário. Tem o objetivo de demonstrar a eficácia da vacina
Fase IV	A vacina disponibilizada para a população. Ainda que tenha sido aprovada, a vacina continua sendo monitorada em busca de reações adversas inesperadas

Fonte: Instituto Butantan, 2019.

Ainda em janeiro de 2020, o material genético do SARS-COV-2 foi sequenciado e publicado no meio acadêmico, o que permitiu que as buscas para uma vacina fossem iniciadas (NOGUEIRA, 2020). Com tamanho empenho, não demorou muito para que tivéssemos uma vacina segura.

Em depoimento à CPI da Covid, o ex-presidente da Pfizer no Brasil, Carlos Murillo, disse que as negociações com o governo brasileiro começaram em maio de 2020, com ofertas que chegaram a 70 milhões de doses a partir de agosto. Ainda segundo Carlos Murillo, apenas em 19 de março de 2021 foi assinado o primeiro contrato para entrega de doses.

O tema das vacinas ficou no centro da CPI da Covid durante os meses de maio e junho de 2021. Durante a sabatina, foi apurada a responsabilidade do governo federal na demora da imunização da população, considerando que a gestão de Bolsonaro recusou ofertas de vacina da Pfizer, Instituto Butantan e do consórcio Covax Facility, de acordo com informações compartilhadas pela BBC Brasil em 2021. Ainda segundo a BBC, os documentos obtidos pela CPI mostraram que o valor contratado pelo governo federal (Covaxin), de U\$15 por dose, ficou muito acima do preço recusado anteriormente, de U\$1,34 por dose. O escândalo da compra das vacinas Covaxin ficou conhecido como um dos mais graves da gestão Bolsonaro (TRAUMANN, 2021). É válido mencionar algumas declarações do presidente Jair Bolsonaro, e de seu filho Eduardo Bolsonaro, sobre as vacinas.

Quadro 5: Declarações do presidente Jair Bolsonaro sobre as vacinas contra a COVID-19 x Números de casos e mortes por COVID-19

Declaração	Data	Número de casos	Número de mortos
“A pressa da vacina não se justifica porque você mexe com a vida das pessoas, você vai inocular algo em você...”	19/12/20, em entrevista publicado no canal de Eduardo Bolsonaro no Youtube.	7.218.141	186.461
“Eu tive a melhor vacina: o vírus..”	23/12/2020, em live feita pelo perfil de Bolsonaro no Facebook.	7.372.614	189.375
“Eu estou vacinado entre aspas. Todos que contraíram o vírus estão vacinados, até de forma mais eficaz que a própria vacina, porque você pegou vírus para valer. Quem pegou o vírus está imunizado, não se	17/06/2021, durante live presidencial em redes sociais.	17.715.789	496.427

discute...”			
“Da minha parte, eu não tomei vacina e não vou tomar vacina. É um direito meu e de quem não quer tomar. Até porque os efeitos colaterais e adversos são enormes...”	08/12/2021, em declaração à Gazeta do Povo.	22.173.363	616.533

Fonte: Our World in Data e Universidade Johns Hopkins, 2022.

É importante mencionar que no dia 12 de março de 2021, o filho de Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, publicou em sua conta do twitter uma imagem do Zé Gotinha com a seguinte legenda “Nossa arma é a vacina!” A publicação teria acontecido originalmente utilizando advérbio de tempo “Nossa arma agora é a vacina!”¹⁵, mas Eduardo Bolsonaro apagou a publicação após 2 horas e repostou como a Figura 3 evidencia.

Alguns internautas afirmam que a publicação está relacionada com o posicionamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que disse “Na minha época, nós vacinamos 80 milhões de pessoas em três meses. Cadê o Zé Gotinha? Bolsonaro mandou embora, porque achou que era petista” em seu primeiro pronunciamento após anulação de todas as condenações envolvendo as investigações da Operação Lava-Jato¹⁶ no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

¹⁵ Após dizer que 'agora' a arma é a vacina, Eduardo Bolsonaro apaga postagem. Estado de Minas, 2021. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/12/interna_politica,1246243/apos-dizer-que-agora-a-a-arma-e-a-vacina-eduardo-bolsonaro-apaga-postagem.shtml>. Acessado em 18 de outubro de 2022.

¹⁶ Operação da Polícia Federal que investiga esquemas bilionários de corrupção envolvendo a Petrobrás, diversas empreiteiras e políticos de diferentes partidos. Para saber mais acesse: <https://tudo-sobre.estadao.com.br/operacao-lava-jato>

Figura 3: Tweets de Eduardo Bolsonaro.



Fonte: Extra (2021)

Apenas em janeiro de 2021 inicia-se a campanha de vacinação contra a COVID-19 no Brasil. A vacinação priorizou os grupos da chamada "fase 1": trabalhadores de saúde, pessoas institucionalizadas (que residem em asilos) com 60 anos ou mais, pessoas portadoras de deficiência e população indígena aldeada, conforme o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19 (PNO).

3 O GOVERNO POPULISTA DE BOLSONARO

Falar sobre populismo é uma tarefa complexa, pois o termo não encontra consenso entre os autores. Segundo o dicionário, populismo é uma prática que busca a simpatia das classes mais baixas, defendendo interesses através de uma política assistencialista. Para Caes Mude (2016)¹⁷, pesquisador da Universidade de Geórgia (EUA), o populismo é uma ideologia que considera que a sociedade se divide em dois grupos antagônicos, o ‘povo’ e a ‘elite corrupta’. Já de acordo com Maria Helena Capelato, populista é o líder carismático que estabelece um vínculo emocional com o povo (CAPELATO, 2013). É a definição de Capelato que vamos assumir como pressuposto para discussão deste capítulo.

O que sabe-se atualmente é que se um governo é definido como “populista” isso não significa algo positivo (NAZARIO, 2021), mas nem sempre foi assim. Ferreira (2017) explica que com o passar dos anos a carga positiva do termo foi substituída por uma denotação negativa. Essa substituição ocorreu na primeira metade do século XX, quando forças políticas carismáticas e populares chegaram ao poder, derrotando elites políticas tradicionais. Por isso, jornais nacionais do século XX começaram a utilizar o termo com uma carga negativa, que chega até os dias atuais (FERREIRA, 2017).

Mas quem são os populistas do século XXI? O que significa ter uma postura populista na contemporaneidade? Sandra Parzianello diz que “mais do que um estigma, uma marca ou percepção negativa associada a determinados comportamentos, o populismo pode ser significado por um sintoma, um indicativo de que algo não vai bem em alguns países democráticos” (PARZIANELLO, 2021. p. 62), quando analisa os governos populistas na América Latina durante o século XXI. Em sua análise, reflete não apenas sobre as causas que podem ter levado a ascensão de um modelo de governo populista, mas sobre os efeitos e consequências desse modelo na América Latina.

Presenciamos uma realidade decadente com cidadãos apáticos frente aos governos que cometem transgressões contra as democracias liberais. Não vimos consenso baseado no pressuposto de que se um governo cometer atos que ameacem a liberdade, como violações constitucionais ou atos que enfraqueçam a

¹⁷ De Trump a Maduro: o que é exatamente o populismo? **El País**, 2016. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/14/internacional/1479150607_282338.html>. Acessado em 18 de outubro de 2022.

democracia, isso resulte na união do povo contra os ataques a ela. Com surpresa, presenciamos falta de reação às violações e incapacidade na avaliação sobre as consequências, ainda que elas pareçam percebidas. Portanto, nem os partidos políticos, nem o povo se mostram conscientes para apontar os flagelos que assombram a democracia, desmerecendo valores tais como a participação, a confiança e a capacidade de representação (PARZIANELLO, 2021, p. 64).

Em seu texto, a autora não se refere apenas ao Brasil governado por Jair Messias Bolsonaro, mas também a outros países governados por líderes “carismáticos”, como a Hungria e Polônia. O populismo que presenciamos no século XXI deixa de lado algumas características do populismo do século passado, como a críticas às elites, valorização da política nacional-desenvolvimentista e preocupação com uma mediação entre os interesses de classes sociais. O que ainda se mantém é um apoio quase incondicional ao líder, forte propaganda estatal e um forte nacionalismo.

É justamente este apoio incondicional, essa relação direta entre o líder e as massas, que não passa por nenhuma instituição política, mas unicamente pelo carisma da liderança, que pode causar a ilusão de uma participação ativa nas decisões públicas. Ainda sobre as características do populismo, é importante ressaltar que comumente identifica-se um frágil sistema partidário, uma vez que o poder concentra-se na figura do líder e não no sistema político institucionalizado. Essa é uma das características que se conecta diretamente com o comportamento de Jair Bolsonaro, que deixou o PSL, partido pelo qual se elegeu presidente da República, em 2019. Em sua carreira política, já chegou a passar por oito partidos, ficando durante 2 anos do seu governo sem legenda.¹⁸

Um presidente sem partido é um sintoma do enfraquecimento da democracia, da vilanização da política. De acordo com Sabrina Fernandes¹⁹, a pós-política cria uma ilusão de que a melhor política é a feita sem políticos. O que acaba resultando em consequências como a redução do espaço político e do espaço de discussão. Por mais que as narrativas simulem uma imparcialidade, atuando como se não houvesse um debate político quando, na verdade, há uma preferência por um lado.

¹⁸ Bolsonaro chega a dois anos sem partido e tenta seletar a filiação ao PP após fracassos em série.

Folha de São Paulo, 2021. Disponível em

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/bolsonaro-chega-a-dois-anos-sem-partido-e-tenta-sela-r-filiacao-ao-pp-apos-fracassos-em-serie.shtml>>. Acessado em 26 de setembro de 2022.

¹⁹ Nem Bolsonaro, nem a pós-política. **Tese Onze**, 2019. Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=e6jEJoqzUvs>>. Acessado em 26 de setembro de 2022.

Outro trecho que merece destaque fala sobre um inimigo que precisa ser combatido, defende uma sociedade sem divisões sociais e combate “ideologias nefastas”:

A construção de uma nação mais justa e desenvolvida requer a ruptura com práticas que se mostram nefastas para todos nós, maculando a classe política e atrasando o progresso. A irresponsabilidade nos conduziu à maior crise ética, moral e econômica de nossa história.

[...] Reafirmo meu compromisso de construir uma sociedade sem discriminação ou divisão. Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais da nossa Constituição. Este é o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo (BOLSONARO, 2019).

Um governo populista que nega seu caráter político acaba instaurando um regime de paixões e emoções, como o atual governo brasileiro. Os discursos políticos de Bolsonaro se estruturam na existência de um inimigo. Cria-se uma identidade e, conseqüentemente, um "nós" contra "eles". Essa estratégia discursiva encontra eco junto a notícias falsas, teorias conspiratórias e um pensamento negacionista. Essa lógica pode ser explicada por Chomsky, quando afirma que:

É necessário, também, falsificar completamente a história. Essa é a outra maneira de superar as tais restrições doentias: passar a impressão de que quando atacamos e destruimos alguém, na verdade estamos nos protegendo e nos defendendo de agressores e monstros perigosos, e assim por diante. (CHOMSKY, 2019. p.36)

Ao longo de seus pronunciamentos públicos, o presidente já compartilhou diversos discursos que exemplificam como é feita a captura da narrativa populista. Em publicações feitas através das redes sociais oficiais do presidente, é possível observar, como na figura abaixo, indícios de tal comportamento.

Figura 5: Tweet de Bolsonaro que incentiva a polarização



Fonte: Twitter (2018)

Com tamanho suporte tecnológico, a propagação da informação é veloz, a manipulação da informação é difícil de ser identificada e as *Fake News* estão ancoradas em uma rede densa de compartilhamentos. Todos esses fenômenos estruturam um novo populismo, o populismo digital.

3.1 Populismo Digital: O artifício por trás da aceitação de Bolsonaro

Para começar a discutir esse tópico, é válido retomar o ponto de que Bolsonaro precisou construir uma identidade e um inimigo comum. Sobre identidade, encaixa-se aqui a definição de Canclini: "A identidade é uma construção que se narra. Estabelecem-se acontecimentos fundadores, quase sempre relacionados à apropriação de um território por um povo ou a independência obtida através do enfrentamento dos estrangeiros" (CANCLINI, 2016. p. 129). A narrativa bolsonarista estava pronta desde 2018. Nesse contexto, o território é o Brasil e os estrangeiros seriam todos que demonstravam opiniões contrárias. Bolsonaro articula ao redor de si elementos valorizados pela direita e por parte da população "conservadora" brasileira.

Para Yvana Fachine e Paolo Demuru (2022), o bolsonarismo digital se mantém com base em uma identidade e discurso que ataca as instituições, ameaça os inimigos políticos de eliminação física, ataca agressivamente minorias sociais e defende, sem pudor algum, regimes ditatoriais (LESSA, 2020; REIS, 2020; SOLANO

& ROCHA, 2020). Os autores ainda mencionam que é essa violência discursiva que marca o populismo digital de extrema-direita, ao mencionar Viennot, que afirma que

[...] o populismo digital de extrema-direita é justamente marcado por paixões negativas como ódio, medo e raiva. Não é por acaso que os líderes populistas, como Trump, Bolsonaro ou Salvini gritem, usando letras capitais em seus posts nas mídias sociais (VIENNOT apud FECHINE; DEMURU, 2022, p. 19).

Bolsonaro mantém em seu discurso as promessas de salvar a sociedade contra os males como corrupção, desemprego ou qualquer outra injustiça social, mas sempre enfatizando que contra ele existem os opositores a qualquer avanço, são esses os “vilões” culpados por manipular e atrasar o povo. Adiante, cabe analisar o comportamento digital do atual chefe do Estado brasileiro para observar com clareza o que caracteriza o uso das redes como populismo digital.

A presença digital de Bolsonaro conta com uma média de sete tweets por dia. De acordo com uma pesquisa da Abraji²³, 98% das postagens do presidente da república visam divulgar ações do governo, pronunciamentos e mobilizar seus apoiadores. Sua estratégia vai além de uma forte presença digital, mas conta com a deslegitimação de outros canais de comunicação. É importante mencionar que a Abraji entrou com um mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal (STF) pedindo que Bolsonaro seja proibido de bloquear jornalistas em sua conta no Twitter.

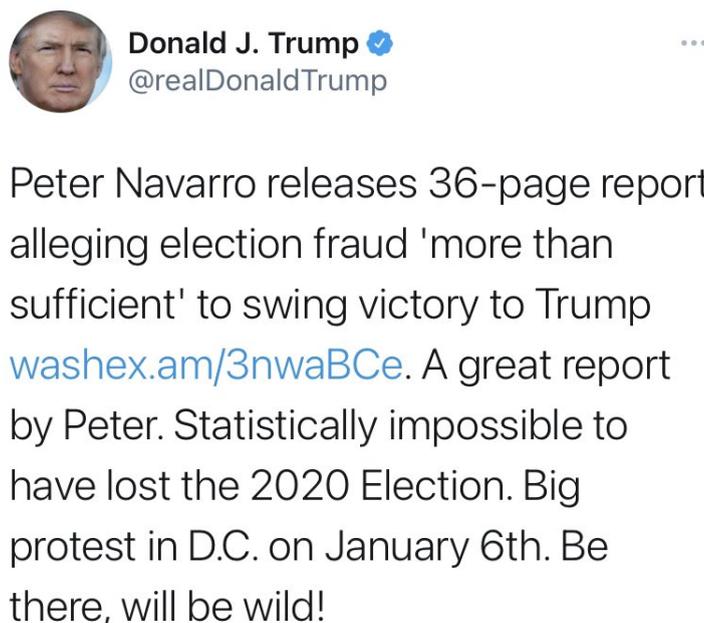
A mesma pesquisa identificou que 1,4% das suas movimentações são de “uso pessoal”. Esses são os momentos em que o presidente compartilhou fotos ou vídeos com familiares e até mesmo mensagens de cunho religioso, o que pode ser entendido como uma forma de transmitir a imagem de um “homem comum”, que pouco se distancia dos seus eleitores.

A recorrência aumenta em seus tweets de “mobilização”, com 14% dos registros. São nesses momentos que o presidente convida pessoas para participar de atos em favor do governo ou reforçar causas defendidas por ele. Esse tipo de movimentação é característico do populismo digital. Donald Trump recorreu à mesma estratégia em 2020, o que resultou na invasão ao Capitólio em Washington

²³ Mais de 98% dos tweets do presidente são de interesse público. **Abraji**. Disponível em <<https://abraji.org.br/noticias/mais-de-98-dos-tweets-do-presidente-sao-de-interesse-publico>>. Acessado em 25 de setembro de 2022.

(EUA)²⁴ após a sua derrota nas eleições presidenciais estadunidenses. O presidente escreveu “Peter Navarro libera relatório de 26 páginas alegando fraude eleitoral 'mais do que suficiente' para declarar vitória a Trump. Ótima reportagem de Peter. É estatisticamente impossível ter perdido a eleição de 2020. Haverá um grande protesto em D.C. no dia 6 de janeiro. Esteja lá, será selvagem”.

Figura 6: Tweet de Donald Trump



Fonte: Twitter (2020)

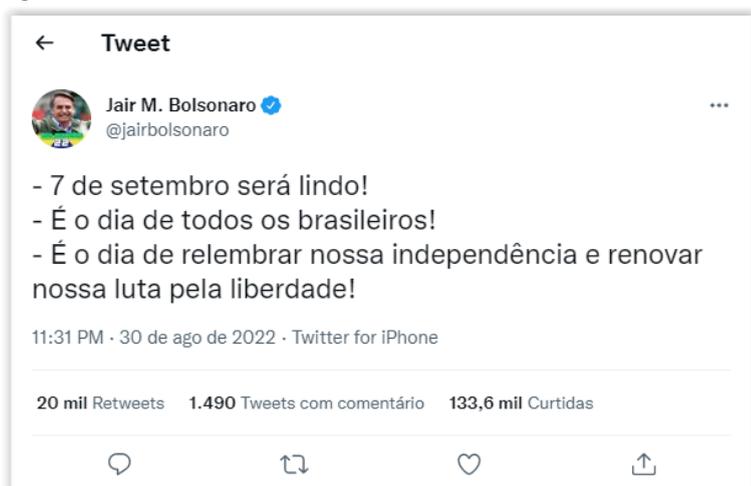
Após os protestos que resultaram na invasão do Capitólio, o Twitter decidiu bloquear²⁵ três publicações e suspender por 12 horas a conta do ex-presidente estadunidense. A plataforma de rede social afirmou que os responsáveis pela conta deveriam remover algumas postagens listadas, ou a conta permaneceria suspensa. A rede alegou que a publicação violou de forma grave e repetida as políticas de integridade, que fazem parte das normas de uso da plataforma.

²⁴ O tuíte de Donald Trump que teria incitado ataque ao Capitólio, segundo comissão. BBC, 2022. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62147147>>. Acessado em 25 de setembro de 2022.

²⁵ Twitter suspende conta de Donald Trump após invasão ao Capitólio; rede social ameaçou remover conta. Poder 360. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/internacional/twitter-suspende-conta-de-donald-trump-apos-invasao-a-o-capitolio/>>. Acessado em 25 de setembro de 2022.

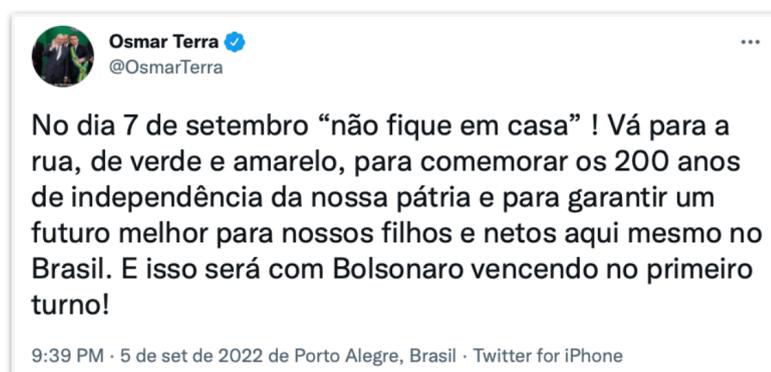
Apesar de não convocar seus apoiadores para realizar um protesto, Bolsonaro segue com um discurso semelhante ao de Trump. Para celebrar o dia da independência brasileira, o atual presidente recorreu às redes sociais para mobilizar pessoas ao ato de 7 setembro e desencadeou uma série de publicações a seu favor.

Figura 7: Tweet de Jair Bolsonaro



Fonte: Twitter (2022)

Figura 8: Tweet de Osmar Terra



Fonte: Twitter (2022)

A semelhança apontada não é coincidência. De acordo com matéria eletrônica publicada pela BCC, Steve Bannon é o ideólogo por trás da nova direita radical populista, sendo o principal estrategista do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Bannon é considerado um mentor para a família Bolsonaro²⁶

²⁶ Steve Bannon: Estrategista de Trump e aliado de Bolsonaro se diz 'fascinado' por Lula. **BBC Brasil**, 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62944023>>. Acessado em 26 de setembro de 2022.

e mantém nas suas estratégias de marketing político teorias da conspiração, notícias falsas e manipulações pelas redes sociais. Foram as suas estratégias que ensinaram o caminho a ser percorrido por Carlos Bolsonaro durante as eleições de 2018.

É importante mencionar que Bannon foi a primeira personalidade pública fora do Brasil a assumir apoio à candidatura de Bolsonaro²⁷. Depois da vitória, ele ajudou a reforçar as análises sobre similaridades entre Bolsonaro e Trump e disse “Acho eles muito parecidos. Ambos são contra o sistema e têm essa habilidade de se conectar, de representar a classe trabalhadora [...]”. Sobre o posicionamento do presidente brasileiro no Facebook, o marqueteiro diz que Trump poderia ter economizado muito dinheiro na corrida presidencial de 2016 se tivesse aprendido a como usar o Facebook como Bolsonaro usou na campanha de 2018.

A observação de Bannon é pertinente, o perfil no Facebook de Bolsonaro conta com boa parte de seus apoiadores mais reacionários. Em 2019 o presidente realizou 50 anos lives através da rede social para anunciar ou justificar medidas do seu governo. De acordo com análise feita pelo Poder 360²⁸, foram 25 horas de comunicação direta com seus seguidores por meio de lives de até 30 minutos. O presidente, sempre utilizando de um tom mais informal, comemora resultados positivos da área econômica e medidas anunciadas pelo governo durante a semana, rebate reportagens críticas a ele ou ao seu governo e faz críticas à esquerda.

A estratégia também estava presente durante os primeiros anos de pandemia. O presidente realizou 70 transmissões ao vivo no Facebook em 2020²⁹, no conteúdo mobilizou ministros, autoridades, congressistas, líderes evangélicos e outros. Neste período, Bolsonaro somava 120 lives na rede social desde que assumiu a presidência.

²⁷ A prisão do mentor dos Bolsonaros. **Veja**, 2020. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/coluna/thomas-traumann/a-prisao-do-mentor-dos-bolsonaros/>>. Acessado em 26 de setembro de 2022.

²⁸ Bolsonaro fez 50 lives no Facebook em 2019; Jorge Seif foi quem mais participou. **Poder 360**. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-fez-50-lives-no-facebook-em-2019-jorge-seif-foi-quem-mais-participou/>>. Acessado em 27 de setembro de 2022.

²⁹ Bolsonaro fez 70 lives em 2020; Jorge Seif e Gilson Machado participaram. **Poder 360**, 2021. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-fez-70-lives-em-2020-jorge-seif-e-gilson-machado-participaram-mais/>>. Acessado em 27 de setembro de 2020.

Comprometido com sua estratégia, o chefe do executivo perpetuou notícias falsas durante as transmissões, tendo sua primeira live banida pelo Facebook³⁰ no dia 24 de outubro de 2021 por espalhar desinformação sobre a pandemia da Covid-19. A empresa justificou a decisão com base em suas diretrizes contra a propagação de informações falsas sobre vacina, dizendo que “Nossas políticas não permitem alegação de que as vacinas de Covid-19 matam ou podem causar danos graves às pessoas”.

A regra foi mencionada devido ao comportamento de Bolsonaro, que leu uma notícia falsa alegando que o público vacinado contra o coronavírus estava contraindo AIDS após a administração das duas doses. Sobre o uso indevido das redes sociais, é oportuno mencionar que o Twitter³¹ já aplicou restrições à conta de Bolsonaro por identificar violações às normas de uso. A postagem foi restringida devido à publicação de informações enganosas, mas manteve-se no ar.

Em setembro de 2022, Bolsonaro, como candidato à reeleição, foi proibido pelo ministro Benedito Gonçalves do TSE (Tribunal Superior Eleitoral)³² de fazer lives com objetivos de campanha eleitoral nos palácios do Planalto e em outros locais em que só possui acesso devido ao seu cargo. A solicitação³³ foi feita por Ciro Gomes, também candidato à presidência em 2022, com a justificativa de que Bolsonaro estaria utilizando a estrutura da administração pública para fins eleitorais. O ministro do TSE concordou e disse que

Os elementos presentes nos autos são suficientes para concluir, em análise perfunctória, que o acesso a bens e serviços públicos, assegurado a Jair Messias Bolsonaro por força do cargo de Chefe de Governo, foi utilizado em proveito de sua campanha e de candidatos por ele apoiados (GONÇALVES, 2022).

³⁰ Facebook pela primeira vez derruba live de Jair Bolsonaro por desinformação. **B9**, 2021. Disponível em <<https://www.b9.com.br/152563/facebook-pela-primeira-vez-derruba-live-de-jair-bolsonaro-por-desinformacao/>>. Acessado em 27 de setembro de 2019.

³¹ Twitter diz que post de Bolsonaro sobre 'tratamento precoce' da Covid, viola regras da plataforma, mas mantém a mensagem no ar. **G1**, 2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/15/twitter-poe-aviso-em-post-de-bolsonaro-sobre-tratamento-precoce-contracovid-que-nao-tem-comprovacao.ghtml>>. Acessado em 25 de setembro de 2022.

³² TSE barra lives "eleitorais" de Bolsonaro no Planalto e no Alvorada. **Poder 360**, 2022. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/tse-barra-lives-eleitorais-de-bolsonaro-no-planalto-e-alvorada/>>. Acessado em 27 de setembro de 2022.

³³ PROCESSO: 0601212-32.2022.6.00.0000 - Ação de investigação judicial eleitoral. **TSE**, 2022. Disponível em <<https://static.poder360.com.br/2022/09/TSE-barra-lives-22eleitorais22-de-Bolsonaro-no-Planalto-e-Alvorada.pdf>>. Acessado em 27 de setembro de 2022.

A decisão também impactou seu acervo, já que obrigou a equipe bolsonarista a retirar do ar uma de suas lives presidenciais - a transmissão do dia 21 de setembro de 2022. Durante a mesma, o presidente afirmou que iria fazer transmissões todos os dias para promover candidaturas de deputados e senadores devido à proximidade das eleições. O ataque a instituições democráticas continuou logo em seguida. Jair Bolsonaro, ironizou o TSE³⁴ durante a transmissão ao vivo do dia 25 de setembro de 2022 ao falar “será que o TSE sabe onde é que estou fazendo essa ‘live’? Ah, escondido, como se fosse um cara nas trevas. Ele está no Alvorada? Descumprindo ordens do TSE. Que preocupação, TSE” (BOLSONARO, 2022, informação eletrônica)

Um outro ponto relevante da análise feita pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) aponta que Jair Bolsonaro foi o candidato que mais bloqueou jornalistas no Twitter. As publicações destinadas à estigmatização da imprensa ocupam 1,91%, são esses os posts com maior repercussão junto aos seus apoiadores. A família Bolsonaro bloqueou 157 jornalistas e 12 veículos de comunicação no Twitter. Em reportagem publicada em setembro de 2022, a *Veja*³⁵ revela que políticos de direita lideram esta conduta nas redes sociais. Os filhos do presidente Bolsonaro fazem parte da lista da seguinte forma: Carlos Bolsonaro, com 22 bloqueios; Eduardo Bolsonaro, com 21; e Flávio Bolsonaro com 19.

Essa tentativa de distanciar a imprensa e posicionar as suas redes sociais como a principal e a melhor plataforma de informações sobre pautas de interesse público é consolidada com a criação da “Área VIP” no Palácio da Alvorada. A medida pretendeu diminuir o ritmo de entrevistas na entrada da Alvorada, depois que veículos de comunicação suspenderam a cobertura no local devido à falta de segurança³⁶.

Visando fugir de perguntas incômodas e driblar os poucos veículos de mídia que frequentavam o palácio, Bolsonaro decidiu prestigiar seus apoiadores com o

³⁴ Bolsonaro diz fazer "live" escondido após decisão do TSE. **Poder 360**, 2022. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/bolsonaro-diz-fazer-live-escondido-apos-decisao-do-tse/>>. Acessado em 27 de setembro de 2022.

³⁵ O candidato que mais bloqueou jornalistas no Twitter. **Veja**, 2022. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/o-candidato-que-mais-bloqueou-jornalistas-no-twitter/>>. Acessado em 25 de setembro de 2022.

³⁶ Folha suspende temporariamente cobertura no Alvorada por falta de segurança. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/folha-suspende-temporariamente-cobertura-no-alvorad-a-por-falta-de-seguranca.shtml>>. Acessado em 27 de setembro de 2022.

"cercadinho"³⁷. Apenas apoiadores eram permitidos, a cerca de 200 metros da guarita. Os jornalistas também ficavam limitados à portaria da casa do chefe do Executivo, onde ele costumava falar com frequência.

A insistência de Bolsonaro em bloquear entidades midiáticas, pode ser interpretada como uma forma de afastar a realidade da sua narrativa, da sua forma de conduzir a massa digital que o acompanha, principalmente durante a pandemia da COVID-19. Noam Chomsky analisa a manipulação da realidade por líderes de estado da seguinte forma “Em tais circunstâncias, é preciso desviar a atenção do rebanho desorientado, porque se ele começar a perceber o que está acontecendo pode não gostar, já que é ele que sofre com a situação” (CHOMSKY, 2019, p. 44).

3.2 A mentira como estratégia

Não é por acaso que a popularização desse discurso conta com notícias falsas e conteúdos pseudoinformativos. Ainda nas eleições brasileiras de 2018 as *fake news* atingiram uma grande popularidade, apontadas como principal ferramenta para tomada de decisões de muitos eleitores e, conseqüentemente, para o resultado das eleições.

Apesar de não ser um novo fenômeno, as notícias falsas adquiriram um nível estrondoso com a adoção da internet como veículo de publicação. As ferramentas disponíveis para impulsionar esse tipo de publicação são diversas, como: listas de transmissão, botões de compartilhamento, técnicas de viralização e as lógicas algorítmicas que vão ser abordadas posteriormente.

Para Evgeny Morozov, a popularização das *fake news* se trata de uma consequência da sociedade atual, em que há a persistência de democracias imaturas e a transformação de práticas de todos os vieses em ativos rentáveis. A disseminação de notícias falsas faz parte desse contexto, considerando que a viralização é algo lucrativo para a maioria das plataformas (MOROZOV, 2018).

Retomando os acontecimentos durante a pandemia, que foram discutidos no segundo capítulo, o atual governante foi considerado "líder" e "porta-voz" das Fake

³⁷ Para driblar imprensa, Bolsonaro cria área vip de sua claqué no Alvorada. **UOL**,2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/11/bolsonaro-dribla-imprensa-e-cria-area-vip-para-claque-no-alvorada.htm>>. Acessado em 27 de setembro de 2020.

News no Brasil pela CPI da Covid, sendo acusado de agravar a pandemia da Covid-19 através de uma “propaganda da morte”, promovendo uma verdadeira campanha de desinformação.

Durante o período, o presidente insistiu em fazer declarações que minimizaram a emergência e foram contra as orientações da OMS. As principais mentiras divulgadas pelo presidente e por sua rede de apoio envolvem a origem do vírus, encoraja ataques à China e ataca as medidas de prevenção contra a Covid.

Ao desestimular o uso de máscaras, Bolsonaro insinua haver nocividade em seu uso, afirmando que em locais fechados resultaria em uma “oxigenação menor do corpo”. A notícia é falsa e foi desmentida logo o início da pandemia, já que as máscaras são consideradas uma das medidas protetivas mais eficientes.³⁸

A propaganda anti-vacina não passou batido, as informações falsas contra a covid são consideradas pela CPI as mais nocivas. O presidente questionou a eficácia da vacina repetidas vezes, recorrendo a três declarações falsas para justificar a sua desautorização para a compra da CoronaVac. Em uma de suas declarações disse “Para o meu governo, qualquer vacina, antes de ser disponibilizada à população, deverá ser comprovada cientificamente pelo Ministério da Saúde e pela Anvisa”. (BOLSONARO, 2021). Mesmo tendo incentivado o uso de hidroxicloroquina sem nenhuma comprovação científica.

Sobre o mesmo tema, chegou a dizer que “Parece que nenhum país do mundo está interessado nela [CoronaVac]”, quando, na verdade, o Chile e a Indonésia estavam planejando utilizar a CoronaVac. Além da célebre fala durante visita a Porto Seguro na Bahia “Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso”³⁹.

A CPI lembrou também das notícias falsas que davam a entender que profissionais de saúde eram incentivados a registrar óbitos como decorrentes da Covid-19, mesmo que essa não tenha sido sua verdadeira causa. Como o caso do Tweet abaixo:

Figura 9: Tweet que compartilha fake news.

³⁸ O poder das máscaras na luta contra novo coronavírus. **UOL**, 2020. Disponível em <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/10/31/o-poder-das-mascaras-na-luta-contra-o-novo-coronavirus.htm>>. Acessado em 25 de setembro de 2022.

³⁹ Bolsonaro: "Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso". **UOL**, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>>. Acessado em 25 de setembro de 2020.



Fonte: Twitter (2020)

Para desmentir o caso, o governo de Pernambuco chegou a emitir nota explicando a realidade dos acontecimentos. No dia 23 de março, o homem de 57 anos estava com suspeita de Covid, mas após exame foi confirmado que a causa do óbito foi o vírus influenza. O número não chegou a ser contabilizado e a história foi inventada para acompanhar um documento falso. Já no dia 30 do mesmo mês, no programa Alerta Nacional, Bolsonaro confirmou e acusou governadores de inflarem o número de mortes por coronavírus. Após esse pronunciamento, foram registrados 3.062 retweets e 33.320 interações em posts de robôs com a história falsa do borracheiro. Sobre as informações compartilhadas acerca da origem do vírus, o relatório diz que teriam sido espalhadas “notícias infundadas sobre a origem do vírus, perpetuando e encorajando ataques à China e seu povo, por conteúdo nitidamente xenófobo”.

Mesmo com suas publicações apagadas pelo Twitter, Facebook e Instagram devido à identificação de *Fake News*, Bolsonaro seguiu compartilhando desinformações sobre a pandemia nas suas redes. De acordo com Leandro Tessler, do Grupo de Estudos da Desinformação em Redes Sociais (EDReS) essa difusão de notícias desencontradas conta com uma rede de usuários robôs que seguem espalhando a publicação⁴⁰.

⁴⁰ Bolsonaro e seus robôs: como funciona a propagação de fake news sobre o coronavírus. **Brasil de Fato**, 2020. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/03/bolsonaro-e-seus-robos-como-funciona-a-propagacao-d-e-fake-news-sobre-o-coronavirus>>. Acessado em 25 de setembro de 2022.

A estratégia não é exclusiva do período pandêmico, durante sua campanha eleitoral em 2018 Jair Bolsonaro já contava com o apoio da sua rede de desinformação. Chegaram a ser publicadas seis fake news por dia em 2018. Em pesquisa, Tatiana Galvão (2018) identificou 346 *fake news* eleitorais. Na reta final das eleições, haviam mais de 4 milhões de compartilhamentos em notícias falsas. Em outubro, durante o segundo turno de 2018, as fake news evidenciavam a disputa eleitoral entre Jair Bolsonaro e Fernando Haddad. Os nomes dos candidatos apareceram bastante em notícias falsas, mas a palavra “Haddad” foi a mais encontrada nas fake news durante o mês de outubro de 2018 (DOURADO, 2020).

Entre as *Fake News* mais famosas do período estão; a) uma sugestiva, que sugeria Fernando Haddad apenas digitando o número 1; b) Kit Gay, nome atribuído ao programa Escola Sem Homofobia; c) jovem marcada pela suástica por apoiadores de Bolsonaro. É importante ressaltar que todas as notícias falsas publicadas por Bolsonaro e seus apoiadores durante o período eleitoral de 2018, provocam o medo do “inimigo”, a necessidade de se proteger de um monstro ameaçador. Algo semelhante ao que Hitler havia feito ao perpetuar o medo de judeus e ciganos.

A situação evidencia, mais uma vez, algo descrito por Noam Chomsky em seu livro *Mídia: Propaganda política e manipulação*: “[...] qualquer que seja a situação, a imagem do mundo que é apresentada à população tem apenas uma pálida relação com a realidade. A verdade dos fatos encontra-se enterrada de baixo de montanhas e montanhas de mentiras” (CHOMSKY, 2019. p. 34). É dessa forma que a visão de uma parte dos brasileiros segue sendo reenquadrada com base na visão de mundo bolsonarista. A nuvem de palavras utilizadas por Jair Bolsonaro ilustra sua identidade, seus objetivos e seus meios.

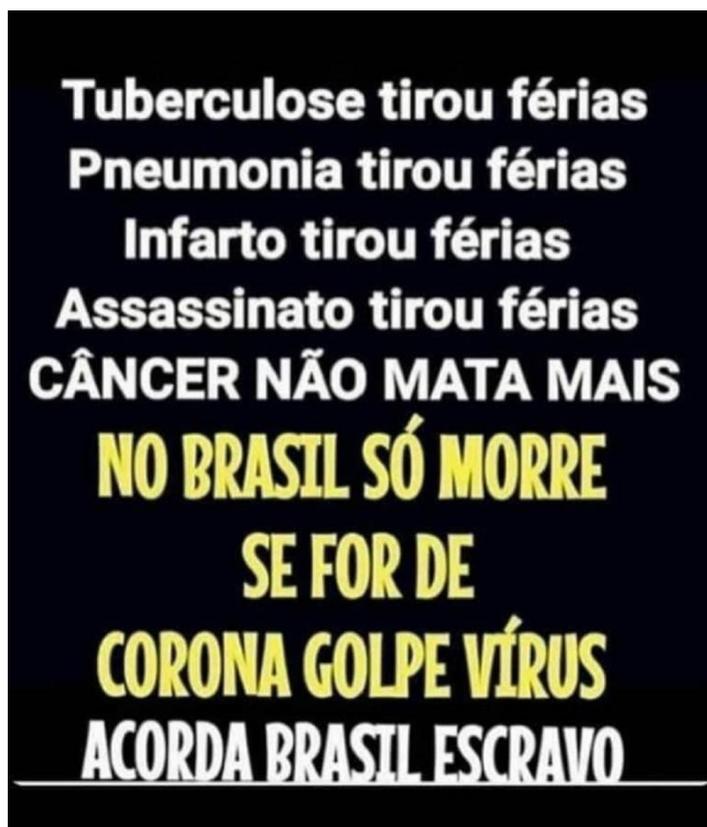
O WhatsApp é mais uma rede social utilizada para promover e compartilhar informações desconcertadas ao longo da trajetória do governante. Para refletir sobre o impacto e a utilização da plataforma como uma aliada à campanha populista bolsonarista, será tomado como base a análise feita pelo professor Fabrício Benevenuto.

O aplicativo mensageiro é uma das plataformas que tem maior papel no cenário de desinformação, a rede conta com mais de 2 bilhões de usuários. No ano de 2018 a rede foi protagonista em diversos eventos de desinformação no mundo inteiro, principalmente durante o período eleitoral brasileiro (BENEVENUTO, 2021).

O Monitor de WhatsApp utilizou dados de grupos públicos da rede que discutem tópicos políticos para monitoramento e tornou-se fonte primária de informações para jornais e agências de checagens. Conforme as checagens realizadas, o presidente repete as divisões de conteúdos do Twitter, tendo o objetivo mobilizador, estigmatização da mídia, perpetuação da imagem do inimigo e divulgação de ações do governo.

Durante o período pandêmico, uma checagem feita pelo Instituto Humanitas Unisinos⁴¹ concluiu que sete das dez imagens mais compartilhadas em grupos de WhatsApp durante a pandemia são falsas, 60% delas afirmavam que a pandemia estava relacionada a uma conspiração chinesa e 40% trataram da crise do covid, entre essas, 35% tinham objetivo de atenuar a gravidade da crise sanitária. No total, as imagens que disseminavam esse discurso foram encaminhadas 3.345 vezes.

Figura 10: Imagem que nega gravidade do covid-19 foi compartilhada em grupos de Whatsapp 122 vezes.



Fonte: Whatsapp (2020)

⁴¹ Sete das dez imagens mais compartilhadas em grupos de WhatsApp durante a pandemia são falsas. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2020. Disponível em <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601375-sete-das-dez-imagens-mais-compartilhadas-em-grupos-de-what-sapp-durante-a-pandemia-sao-falsas>>. Acessado em 27 de setembro de 2022.

4 MÍDIA DIGITAL, UMA GRANDE ALIADA

Observamos que "as políticas do virtual" representam a extensão do conceito de "política" para as mídias digitais. Não há como começar esse capítulo sem antes propor uma reflexão sobre o papel das redes sociais em uma sociedade democrática. Por isso, é válido compreender o que são as mídias sociais e como elas se tornaram tão importantes.

Os meios de comunicação de massa já haviam demonstrado seu papel relevante para as questões sociais e políticas, mas a internet e as mídias sociais abriram uma nova era para a política e a democracia. Se no passado a política era construída entre uma elite social, hoje todos podem compartilhar seu posicionamento e pensamento através das redes. Segundo o relatório publicado pela Comisión Económica para América Latina y el Caribe (Cepal)⁴², a América Latina é a região que conta com o uso mais intenso das redes sociais. O relatório aponta que 78,4% dos usuários da internet participam das redes sociais.

O que vai diferenciar as mídias digitais dos tradicionais meios de comunicação de massa, é a ausência de um suporte físico. As mídias analógicas contavam com uma base material, no caso do rádio e da televisão as ondas eram produzidas a partir de meios físicos, lançadas no ar e captadas por antenas. Nas mídias digitais, o suporte físico sai de cena e os dados são convertidos em sequências numéricas ou dígitos. Dessa forma, em uma mídia digital todos os dados (sons, imagens, textos) são números interpretados por um computador em frações de segundos (MARTINO, 2015).

Essa é uma das características principais das mídias digitais, essa transformação abre espaço para a criação de uma série de características específicas que se tornaram conceitos-chave para a compreensão do tema.

Tabela 1: Alguns dos conceitos-chave para as mídias digitais.

Conceito	Definição
Barreira Digital	Diferenças de acesso às tecnologias e mídias digitais, bem como à cultura desenvolvida nesses ambientes, vinculadas a problemas sociais e econômicos.
Ciberespaço	Espaço de interação criado no fluxo de dados digitais em redes de

⁴² . Comisión Económica para América Latina y el Caribe (Cepal), **La Nueva Revolución Digital: De la Internet del Consumo a la Internet de la Producción**, Santiago, ago. 2016, disponível em: <https://tinyurl.com/yahendhy>, acesso em: 26 nov. 2018.

	computadores; virtual por não ser localizável no espaço, mas real em suas ações e efeitos.
Convergência	Integração entre computadores, meios de comunicação e redes digitais, bem como de produtos, serviços e meios na internet.
Cultura participatória	Potencialidade de qualquer indivíduo se tornar um produtor de cultura, seja recriando conteúdos já existentes, seja produzindo conteúdos inéditos.

Fonte: MARTINO, 2015. Adaptação

No Brasil, é por volta de 1994 que a rede começa a ganhar espaço na rotina dos brasileiros, até os anos 90 o acesso a computadores pessoais era restrito, o que criava uma “barreira digital”, definida na tabela acima como a diferença de oportunidades de acesso às tecnologias digitais. Com a popularização do acesso à internet a democracia e a participação cidadã na construção política se amplia e é o caráter trivial dessas ferramentas que fazem com que elas se tornem relevantes, é essa presença constante no cotidiano que atinge uma grande importância para o debate político através das relações humanas ligadas a ela (WELLMAN, 2001).

A partir do início da Idade Digital, na década de 2010, que essa plataforma nos mostra sua grande interferências na esfera pública. O primeiro grande ato político que partiu da mobilização nas redes sociais é a Primavera Árabe⁴³, uma onda de protestos políticos que ocorre em 2011 e atinge todo o Oriente Médio e o norte da África. O relatório divulgado pela Dubai School of Government indica a importância de serviços como Twitter e Facebook na disseminação e fortalecimento das manifestações populares, nove em cada dez tunisianos e egípcios afirmaram ter usado o Facebook para organizar os protestos e aumentar a participação da população nas manifestações.

Com o aumento do número de usuários e acessos às redes sociais, começam a surgir pessoas que se destacavam das demais por conta da frequência com que postavam suas mensagens e pela forma com que descreviam o que acontecia nos protestos. Sultal al Qassemi⁴⁴ é um deles, ele posta sua primeira mensagem

⁴³ Redes sociais foram o combustível para as revoluções no mundo árabe. **UOL**, 2012. Disponível em <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/18943/redes-sociais-foram-o-combustivel-para-as-revolucoes-no-mundo-arabe>>. Acessado em 29 de setembro de 2020.

⁴⁴ Sultán Sooud Al-Qassemi é um educador dos Emirados, colecionador de arte, acadêmico e colunista. Como Al-Qassemi, ele é membro da família governante de Sharjah. Al-Qassemi é um comentarista influente sobre assuntos árabes, sendo conhecido por seu uso das mídias sociais. **Wikipédia**. Acessado em 01 de outubro de 2022.

relacionada a Primavera Árabe no início de janeiro, e acaba chamando a atenção para como o governo trata a população tunisiana.

Na nova era, uma simples publicação pode desencadear uma série de protestos e discussões pertencentes à esfera pública, como percebemos no caso da Primavera Árabe. Para Martino (2014) as mídias digitais possibilitaram uma transposição e uma transformação das noções de política. Enquanto as publicações e os posicionamentos se misturam com a vida e relações sociais, também articulam com as possibilidades de ações políticas, trazendo novas dimensões para a questão.

Ainda seguindo o pensamento de Martino (2014), é possível afirmar que as mídias digitais tornaram-se um instrumento fundamental na sedimentação das relações entre o Estado, o governo e os partidos políticos. Principalmente quando consideramos que as mídias digitais já fazem parte das disputas eleitorais, com uso de todo tipo de estratégia e a consequência dessa fusão entre a Esfera Pública e os meios digitais é a facilitação das discussões públicas.

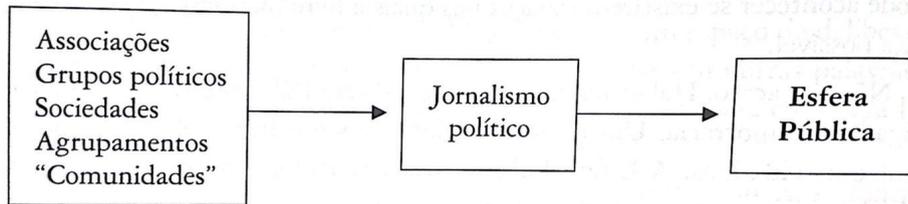
Se recuperarmos a definição de esfera pública como um espaço de discussão e ação social formado na interação entre as pessoas (MARTINO, 2014), compreenderemos que este é um espaço de conversas onde assuntos relevantes ao cidadão devem ser debatidos, onde as tomadas coletivas de decisões partem a partir de trocas de ideias entre pessoas. Essa definição permite que a Esfera Pública vá para além do espaço físico e se torne um espaço abstrato, onde podemos entrar em contato com a opinião pública.

Para Ana Lucia Romero Novelli (2010), a opinião pública é uma instância de vital importância para o funcionamento das democracias modernas, é ela quem intermedeia a relação entre Estado e sociedade e atua como fonte de legitimação política. Historicamente, a grande luta de diversos governos se traduziu na busca da aceitação de suas iniciativas pela opinião pública. A origem da opinião pública é um fenômeno que começa com a discussão coletiva sobre um tema de relevância pública expresso publicamente por sujeitos individuais ou manifestações coletivas. Pode-se dizer que a opinião pública assume essa relevância por ser, também, um conjunto de opiniões discutidas em público.

Se na Idade Digital os debates públicos acontecem através da internet, podemos inferir que o ciberespaço desempenha um papel semelhante ao papel da Esfera Pública (EP). A própria noção de “publicação” nos meios digitais representa o

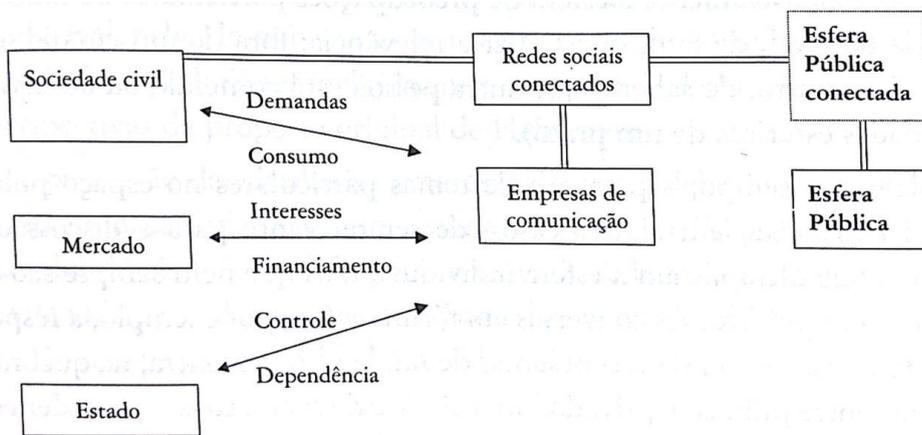
ato de “tornar público” um assunto, promovendo-o de algum modo através da exposição em sites ou redes sociais (MARTINO, 2014). As figuras abaixo ilustram a mudança que ocorre na esfera pública com a chegada da internet.

Figura 11: Século XVII - A esfera pública “clássica”



Fonte: Martino (2014)

Figura 12: Séculos XX e XXI - Esfera pública conectada?



Fonte: Martino (2014)

O resultado é uma tensão constante entre o interesse público e o interesse do mercado na construção da EP, que deixa de ser apenas um espaço de debates políticos para ser um lugar de disputa entre os interesses do Estado, das empresas e das corporações. A internet introduziu outra dimensão nesse ponto, mesclando às questões públicas e privadas por conta da exposição de detalhes de uma vida ou de um interesse particular (MARTINO, 2014).

Não significa dizer que todos os temas abordados na internet são de interesse público, formam opinião pública ou que ela está sempre desempenhando um papel de EP. Os temas da EP se caracterizam pelo engajamento que provocam, ou devem provocar nas pessoas, o que importa é a relevância que um tema pode assumir dentro da democracia. Martino explica da seguinte forma:

O fato de um tema se tornar público por conta de sua divulgação na internet não significa, de antemão, que ele faça parte da Esfera

Pública” virtual. Ao contrário, seria possível dizer que, da avalanche de informações presentes nas redes, apenas uma pequena parte, de fato, poderia ser incluída entre os temas de discussão [...]. (MARTINO, 2014, p. 95).

Existem alguns requisitos para que as discussões na EP obtenham validade, essas regras estão relacionados a elementos que Habermas entende como a “racionalidade” de uma discussão. São elas:

a) Reconhecimento do Interlocutor

Todos os participantes devem reconhecer mutuamente o direito igual de todos os outros de intervir e dar sua opinião (MARTINO, 2014, p. 96).

b) Igualdade de condições de participação

Os interlocutores precisam estar em pé de igualdade, não podendo haver hierarquia entre eles. (MARTINO, 2014, p. 96)

c) Respeito às regras

Os debates na EP são pautados por regras que devem ser obedecidas por todos, a alteração em qualquer uma delas imediatamente desqualifica o interlocutor para o debate (MARTINO, 2014. p.97).

Isso significa que nem toda conversa publicada nas redes sociais são de fato consideradas argumentos, quando um participante desvia o assunto ou ataca as outras pessoas envolvidas, a conversa para de existir nos moldes de uma EP (MARTINO, 2014).

4.1 Como funcionam as redes sociais

O conceito de rede social recebeu um novo olhar a partir de década de 90, com o surgimento e a popularização das ferramentas de comunicação na internet. Plataformas como weblogs, fotologs e em seguida os sites de rede social abriram espaço para uma participação maior entre as pessoas, marcando e gravando suas interações. Esse avanço trouxe circunstâncias ideais para que essas interações pudessem ser mapeadas e recuperadas (RECUERO, 2014).

Uma rede social é definida como um conjunto de pontos, os “nós”, interconectados. São elementos que se comunicam entre si e, por conta disso, toda

rede é uma estrutura complexa de comunicação onde vários nós interagem em múltiplas ligações. O que constitui uma rede é a unidade de objetivos dos seus participantes, mas também a flexibilidade dessas relações (MARTINO, 2014).

Em uma rede social, nota-se a presença de atores (pessoas ou instituições) e suas conexões (laços sociais que unem o agrupamento), são essas estruturas que representam processos de conversação, fluxos de informações e seus reflexos no campo social. A estrutura técnica da internet e a mediação do computador permitiram o surgimento de novas formas de interação e participação, gerando impactos relevantes e intrigantes na sociedade. (RECUERO, 2014).

Em uma rede social digital, por exemplo, cada pessoa é um nó (representação de um ator social). Cada página ou comunidade é outro nó e isso faz do site de uma rede social um “nó de nós”. A interconexão de nós é uma característica fundamental de qualquer rede, que tem como características principais; I) Flexibilidade: capacidade de aumentar ou diminuir o número de conexões; II) Escala: habilidade de mudar de tamanho sem ter suas características principais afetadas; III) Sobrevivência: por não terem um centro, redes podem operar em vários tipos de configurações. Redes são estruturas abertas em movimento, sua forma muda o tempo todo (MARTINO, 2014).

A capacidade de mutação de uma rede é bem descrita e exemplificada por Martino da seguinte forma:

O número de pessoas que se conecta à página de uma novela ou reality show em uma rede social conectada, por exemplo, pode acompanhar o desenvolvimento da trama. Além disso, o grau de participação pode igualmente mudar de uma hora para a outra.

As fronteiras de uma rede são estabelecidas pelas conexões entre os nós. Como essas conexões podem ser criadas ou eliminadas a qualquer momento, os limites de uma rede estão sempre mudando (MARTINO, 2014, p. 100).

É importante mencionar que a reunião de nós, sejam pessoas, grupos ou corporações não obedece nenhuma fronteira prévia, as conexões são criadas a partir de objetivos comuns. É muito comum que elas ultrapassem fronteiras em diferentes escalas, por exemplo, uma grande corporação consegue facilmente ultrapassar fronteiras nacionais em termo de expansão de seus negócios, em uma escala macro. Se pensarmos em uma escala menor, uma página que representa algum movimento social consegue ultrapassar fronteiras políticas, distâncias locais

e conectar pessoas interessadas em mudança. Para Castells, o poder na sociedade em rede, é o poder de comunicação (CASTELLS, 2010).

De acordo com Luciana Zenha (2017), a expansão do espaço virtual possibilitou a criação das redes sociais como local permanente de interação para a comunicação e troca de informação entre indivíduos de qualquer parte do mundo. A composição multicultural e pluri espacial de grupos que participam das redes sociais online representam a quebra de barreiras geográficas, sociais e temporais favorecidas pelo ciberespaço.

Para seguir adiante é importante prestar atenção em como funciona uma rede social digital. As redes sociais online são ambientes digitais organizados por meio de uma interface virtual que torna possível a integração de um perfil⁴⁵ de usuário a outros de amigos virtuais, compartilhando com esses personagens um cenário comum de pensamentos e outras maneiras de expressão sobre um determinado assunto. Para Zenha, as mais diferentes intenções comunicativas em jogo no uso das redes sociais online são mediadas pelas trocas discursivas, nas quais os usuários das redes veiculam e compartilham seu saberes (ZENHA, 2017).

Débora Aleluia (2018) menciona que a estrutura conta com todo potencial para iniciar uma era da transparência, um espaço aberto para redemocratização da sociedade e consegue gerar uma conectividade cívica (PARISER, 2012). Segundo Recuero, os sites de rede social não apenas permitiram a representação individualizada dos atores, mas também a publicização de suas conexões. Assim, constitui-se os suportes das redes, que passam por apropriações sociais e emergentes, gerando novas páginas sociais com o impacto na interconexão entre os indivíduos e no capital social construído (RECUERO, 2010, p. 409).

A autora menciona como exemplo o Orkut, a rede social que inaugurou uma era no Brasil, em que adicionar todo mundo era uma prática comum. Um perfil poderia ter as mil conexões, que era o máximo permitido pelo sistema, mas ser expandido em derivações do mesmo perfil para poder se conectar com mais pessoas. Para ela, fica evidente que essas conexões não compreendem os mesmos laços fortes do espaço off-line, mas um novo tipo de laço que era popularmente chamado como amigo do Orkut. Esse tipo de laço trouxe influências

⁴⁵ Perfil é um cadastro com os dados pessoais, fotos, preferências e contatos que são disponibilizados na interface digital de maneira privada ou disponível para o público Web.

para os grupos, através do site era possível observar as redes dos amigos e suas adaptações.

Seguindo o pensamento da autora, as redes sociais na Internet se constituem como um espaço público que, no entanto, tem um caráter privado, pois é nesse local que as identidades são construídas, um processo individualista em que o usuário se expõe para existir. Essa exposição constrói a relação nas redes sociais digitais, pois, uma vez que não é possível se relacionar face a face, a publicação dos pensamentos e ações dos indivíduos garante individualidade e empatia na informação anônima do ciberespaço, requisitos fundamentais para que a comunicação possa ser estruturada (RECUERO apud ALELUIA,2018).

Atualmente, todos os recursos de uma rede social são destinados à interação daqueles que a utilizam. O que pode ser entendido como uma diferença em seu uso é a forma como cada uma disponibiliza links externos à rede. Para Recuero, o Facebook e o Twitter estão influenciando bastante a percepção das ações nas redes sociais. O primeiro pela abrangência e a apropriação social consideravelmente uniforme em todo o mundo, e o segundo pela influência na mídia, nos fluxos de informação e pelo papel relevante em diversos acontecimentos políticos.

Para Martino, o modelo de rede é bem-adaptado para as configurações do capitalismo contemporâneo. O autor diz que a circulação de informações encontra nas redes o melhor tipo de arquitetura, a velocidade da circulação de informações significa também que novidades estão presentes o tempo todo, gerando como padrão uma instabilidade constante. Toda informação pode ser alterada, complementada ou cancelada por uma nova, na maioria das vezes sem deixar indícios dos caminhos seguidos (MARTINO, 2014, p. 101).

Ainda consoante ao autor, as redes são móveis e dados e informações tornaram-se os bens mais preciosos na sociedade na medida em que a partir disso inúmeras decisões podem ser tomadas. Para ele, o controle das informações torna-se uma preocupação fundamental dos Estados, corporações e indivíduos.

4.1.1 Dados e algoritmos

Com o avanço da tecnologia o armazenamento da informação em forma de dados tem se tornado cada vez mais presente e fundamental para o funcionamento dos sistemas de redes sociais dentro da internet. De acordo com Castells (2003), a

internet é um espaço de espaços, onde convivem o público e o privado, o global e o local. A forma como as plataformas digitais assumem a estrutura de rede social potenciam “ambientes tecnológicos emergentes em que os padrões de conexão são diferentes” (BRITES et al 2018, p. 87).

Retomando a teoria da Esfera Pública, as conversações que ocorrem nas redes sociais podem ser consideradas uma das interconexões entre os diferentes níveis da sociedade. Para Santos e Amaral (2019), estas conversações estão incluídas nos fluxos de informação a que pertencem os indivíduos que os criam e aos quais estão expostos. As autoras dizem ainda que mesmo que seja um espaço de espaços mais ou menos fluído, o acesso à informação por parte de cada um é sempre, de alguma forma, limitado. A difusão da informação nas timelines dos utilizadores depende dos algoritmos e das suas definições.

A princípio, as primeiras teorias consideravam que os intermediários da informação nas redes sociais eram elementos neutros. Tinha-se a ideia de que meros algoritmos automatizavam operações de distribuição de conteúdos. (BOZDAG, 2013). São dessas teorias "tecnófilas" que surge a ideia de que as máquinas, não os humanos, estão tomando as decisões cruciais e criando a impressão de que os algoritmos evitam preconceitos de seleção e descrição inerentes a qualquer médium editado por humanos (BOZDAG, 2013).

Santos e Amaral (2019) dizem que ao contrário destas primeiras teorias, é possível identificar um viés de subjetividade, observar a pegada digital de cada utilizador registrado. Os algoritmos conseguem manipular estes dados (big data) que existem em larga escala e são muito complexos para propósitos específicos definidos e programados.

Bozdag (2013, p. 209) explica que

intermediários de informação como Facebook e Google começaram a introduzir recursos de personalização: algoritmos que adaptam informações com base no que o utilizador precisa, quer e quem ele conhece na rede social.

Para Santos e Amaral, é nesse momento que surgem as "echo chambers" ou "filter bubbles", estas bolhas são alimentadas por sistemas de algoritmos e pela estrutura de dados agregados em torno de utilizadores, que podem criar uma "monocultura" porque os algoritmos personalizam a informação consoante as

interações passadas dos utilizadores e da leitura semântica dos conteúdos distribuídos por estes. (SANTOS e AMARAL, 2019. p. 75)

Bakir e Mcstay (2017) falam que:

Câmeras de eco criadas por algoritmos, ou "bolhas de filtro", surgem quando algoritmos aplicados ao conteúdo online medem seletivamente as informações que um utilizador deseja ver com base nas informações sobre a pessoa, as suas ligações, histórico de navegação, compras e postagens e pesquisas (BAKIR; MCSTAY, 2017, p. 8).

Os autores falam ainda que é preciso estar atento para o "viés de confirmação", observar a tendência que as pessoas têm de validar informação que confirme as suas crenças pré-existentes, traduzindo uma exposição limitada a diferentes pontos de vista.

A capacidade de segmentar as informações com base interesses das novas redes sociais é observada por Pariser (2012), que diz que "A democracia exige que os cidadãos enxerguem as coisas pelo ponto de vista dos outros; em vez disso, estamos cada vez mais fechados em nossas próprias bolhas". Com base em uma análise pessoal do comportamento do algoritmo, o autor identificou um padrão que prioriza mostrar as informações com que ele mais "engajou" recentemente.

Assim, foi possível perceber que os temas que não estavam em consonância com seu pensamento político não apareciam na sua *timeline*. Para ele, o mundo digital foi de um meio anônimo, onde qualquer pessoa podia ser quem quisesse, transformou-se agora em uma ferramenta dedicada a solicitar e analisar os dados pessoais.

Para o autor, a tentativa de saber o máximo possível sobre seus usuários tornou-se a batalha fundamental da nossa era entre gigantes da internet como o Google, Facebook, Apple e Microsoft, Pariser (2012) aproveita para mencionar um estudo do *Wall Street Journal* que diz que os cinquenta sites mais visitados da internet instalam em média 64 cookies⁴⁶ repletos de dados e beacons de rastreamento pessoal. Chris Palmer, da *Electronic Frontier Foundation*, explica que "recebemos um serviço gratuito, e o custo são informações sobre nós mesmos. E o Google e o Facebook transformam essas informações em dinheiro de forma bastante direta".

⁴⁶ Um cookie, no âmbito do protocolo de comunicação HTTP usado na Internet, é um pequeno arquivo de computador ou pacote de dados enviados por um site de Internet para o navegador do usuário, quando o utilizador visita o site. **Wikipédia**

Para Wardle e Derakhshan “o problema fundamental é que as 'bolhas de filtro' pioram a polarização ao permitir que vivamos em nossas próprias câmaras de eco online, deixando-nos apenas com opiniões que validam, em vez de desafiar, as nossas próprias ideias” (2017, p.50). Este fenômeno está relacionado com a ideologia de "datificação" de Van Dijck (2013). A "datificação" está ancorada na pegada digital dos utilizadores e aos dados complexos de grande escala. Van Dijck diz que através da manipulação de big data, a "datificação" permite a transformação das ações sociais em dados quantitativos que potenciam as "echo chambers"

Na ótica dos comerciantes do “mercado do comportamento”, cada “indicador de clique” que enviamos é uma mercadoria, e cada movimento que fazemos com o mouse pode ser leiloado em microssegundos a quem fizer a melhor oferta. (PARISER, 2012). A intrusão das plataformas digitais é cada vez mais nítida, os utilizadores não têm controle sobre sua privacidade, nem sobre os seus dados. Os principais players do ecossistema digital, como Google e Facebook, se apresentam como transmissores de dados (VAN DIJCK, 2014). Para Santos e Amaral, isto é uma evidência de que há ligações entre os diferentes algoritmos de várias plataformas sociais, este intercâmbio de dados se amplia às fake news através de algoritmos automatizados (*bots*). (SANTOS e AMARAL, 2019)

Sheryl Sandberg, diretora-executiva de operações do Facebook, diz que a ideia de um site que não seja adaptado a cada usuário vai parecer estranha nos próximos cinco anos. Tapan Bhat, vice-presidente do Yahoo, afirma que "O futuro da internet é a personalização, a rede agora gira em torno do 'eu'. A ideia é entrelaçar a rede de uma forma inteligente e personalizada para o usuário"

4.2 O Twitter

O Twitter é uma das redes sociais com maior influência na mídia e nos fluxos de informação, a rede desempenhou um papel importante em diversos acontecimentos políticos. Criado em 2006 por Jack Dorsey, o Twitter é um sistema de comunicação instantânea na internet disponível para uso em computadores e dispositivos móveis, denominado um blog compacto devido à limitação do número de caracteres para o registro.

A rede é considerada uma mídia em formato de microblog e permite que seus usuários consigam enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos ou

seguidores em textos de até 140 caracteres (tweets). As atualizações são exibidas no perfil do usuário em tempo real e também enviadas aos seguidores por e-mail. Sua pergunta central “O que você está fazendo?” movimenta mais de 80 milhões de usuários que diariamente deixam uma resposta para o questionamento.

No início, seu foco era incentivar o compartilhamento de ações pessoais, mas atualmente ampliou-se para discussões diversas sobre assuntos da atualidade, discussões profissionais e muito mais. Desde a sua criação, usuários, partidos e governos utilizam o Twitter como "ferramenta para conectar vozes individuais, comunidades e usuários - uma plataforma que empodera cidadãos dando voz às suas opiniões e emoções, que dá palco a discussões públicas e favorece que grupos ou ideias ganhem atenção" (VAN DIJCK, 2013, p.69, tradução nossa)⁴⁷.

Para Van Dijck, o Twitter obtém sucesso quando as pessoas param de falar sobre e começam a utilizá-lo como uma utilidade, como eletricidade. A autora acrescenta que:

A terminologia pressupõe que o twitter seja uma plataforma neutra, sobre a qual os usuários interagem livremente, assim como a própria web - uma infraestrutura que transporta fluxos de tweets, independentemente de quem sejam seus usuários e indiferente dos conteúdos que trocam (VAN DIJCK, 2013, p. 69, tradução nossa)⁴⁸.

Sobre o funcionamento das câmeras de eco dentro da plataforma, Van Dijck acrescenta que:

A partir dessa perspectiva, o Twitter se apresenta como uma câmara de eco de conversas aleatórias, o submundo online das opiniões de massa onde as emoções coletivas são formadas e onde as tendências de vida rápida aumentam e diminuem aos olhos do público. No entanto, os pipelines do Twitter não transportam apenas um fluxo de tweets ao vivo; nem a plataforma, nem seus usuários são simples portadores de informação. Em vez disso, os fluxos de dados são projetados para promover determinados usuários em detrimento de outros (VAN DIJCK, 2013, p. 69, tradução nossa)⁴⁹.

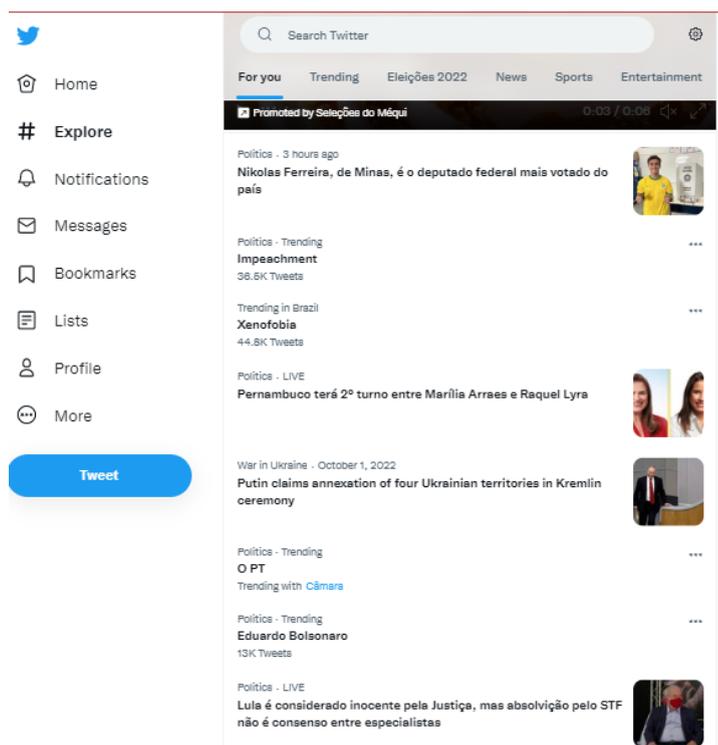
⁴⁷ "A tool for connecting individuals and communities of users — a platform that empowers citizens to voice opinions and emotions, that helps stage public dialogues, and supports groups or ideas to garner attention."

⁴⁸ The terminology presumes twitter to be a neutral platform upon which users freely interact, much like the web itself - an infrastructure that transports streams of tweets, regardless of who its users are and indifferent to the contents they exchange

⁴⁹ From such a perspective, Twitter presents itself as an echo chamber of random chatter, the online underbelly of mass opinions where collective emotions are formed and where quick-lived trends wax and wane in the public eye. And yet, Twitter's pipelines do not just transport a stream of live tweets; neither the platform nor its users are simple carriers of information. Much rather, streams of data are engineered to promote certain uses and users over others.

Em setembro de 2022 a rede liberou mais detalhes sobre como sua estratégia de recomendação funciona. As sugestões aparecem na guia "notificações" e como uma estrela ao lado para diferenciá-las das demais, podendo também surgir na página inicial, em determinados lugares da guia "explorar" e em outras áreas. Essas recomendações se concentram, também, na guia "Para Você".

Figura 13: Guia "Para Você" do Twitter.



Fonte: Twitter (2022)

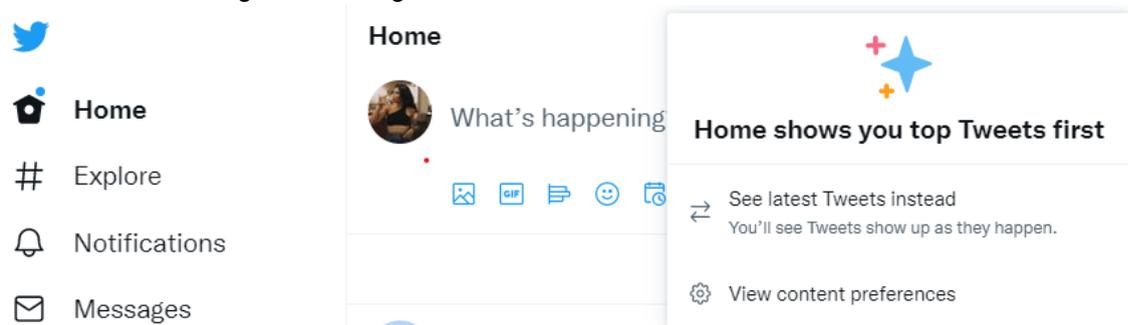
A rede deixa claro que todo conteúdo recomendado é definido pelas ações realizadas na plataforma, também chamadas de “sinais”. Quando o usuário segue algum tópico ou costuma interagir com conteúdos institucionais da marca Natura, por exemplo, o algoritmo identifica que aquele usuário provavelmente tem interesse em produtos de beleza. Assim, é possível que em seguida a rede recomende perfis inseridos no universo da beleza de alguma forma.

Outra forma interessante de recomendação⁵⁰ é baseada nos tuítes que as pessoas da sua rede, pessoas conectadas com o usuário, curtem. Se suas

⁵⁰ Twitter explica como funciona o algoritmo de recomendação de conteúdo. **CanalTech**, setembro de 2022. Disponível em <https://canaltech.com.br/apps/twitter-explica-como-funciona-o-algoritmo-de-recomendacao-de-conteudo-225750/#:~:text=Quando%20voc%C3%AA%20segue%20algum%20t%C3%B3pico,algum%20post%20recente%20que%20viralizou.>>. Acessado em 03 de outubro de 2022.

conexões estão visualizando e interagindo com alguma publicação, existem grandes chances do algoritmo recomendá-la. O usuário consegue interferir de forma ativa nas indicações. Para isso, existem ferramentas que possibilitam a gestão das sugestões. Dessa forma, é possível dizer claramente ao sistema quando uma indicação não foi certa ou bem recebida. O ícone de estrelas (🌟) ilustra bem essa funcionalidade. Ao clicar nele, é possível alternar entre ver os tuítes recomendados ou as publicações mais recentes das pessoas que fazem parte da sua rede.

Figura 14: Ferramenta de gestão de sugestões do Twitter



Fonte: Twitter (2022)

Além disso, existem uma série de opções para que o usuário possa avaliar sua experiência com as sugestões da rede social, entre elas estão; a) não estou interessado neste Tweet; b) não estou interessado no perfil. Assim, o algoritmo da rede “aprende” a identificar e personalizar melhor as preferências de cada usuário considerando todo o seu comportamento, e clique, dentro da plataforma.

5 O TWITTER DE BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA, UMA ANÁLISE

A pandemia de Covid-19 no Brasil foi avassaladora. Até outubro de 2022, o país contava com um total de mais de 600.000 mortos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da Índia⁵¹. O Brasil conseguiu superar todos os países europeus, conforme a OMS (2022) em sete dias vivenciamos a morte de 5,2 mil brasileiros. Não há como desconsiderar como uma possível justificativa a politização da doença por políticos como Donald Trump (EUA), Boris Johnson (Reino Unido) e Jair Bolsonaro (Brasil).

Em paralelo à situação pandêmica, o país vivenciou outro fenômeno informacional, denominado como infodemia pelo diretor-geral da OMS Tedros Ghebreyesus. A grande projeção de informações em torno da doença atingiu níveis tão preocupantes quanto a própria taxa de transmissão do novo vírus. O uso de informações descontextualizadas, distorcidas ou falsas se somou a esse fenômeno de forma rápida e eficiente em ir na contramão das recomendações de prevenção.

O compartilhamento de informações falsas que descredibilizavam as principais recomendações de prevenção e proteção contra a Covid-19 por parte do atual chefe do Estado brasileiro, chamou atenção de diversos pesquisadores que avaliaram e investigaram a fonte das informações. Para Almeida, Calazans e Dantas (2020), a forte carga política ao redor do tema criou uma disputa de narrativas que encontrou nas redes sociais digitais um ambiente fértil. Informações verdadeiras misturaram-se a uma enxurrada de peças pseudo informativas que utilizaram de diversas estratégias para desvirtuar o debate público, a despeito das evidências científicas.

Ainda de acordo com os autores, a utilização de estratégias de desinformação se configura num meio de eficácia na manipulação do debate público. Para analisar o caso, não podemos esquecer do que foi apresentado no capítulo anterior, a personalização das redes sociais cria espaços propícios para que informações desencontradas circulem de forma segura, sem que encontre laços que façam resistência ao conteúdo dentro da rede de conexões.

⁵¹ Mortes no Brasil disparam e país tem 3º maior número do mundo, diz OMS. **UOL**, 2022. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/02/07/brasil-terceiro-pais-em-numeros-de-morte-s-na-semana-diz-oms.htm>>. Acessado em 09 de outubro de 2022.

Inicialmente, a eficácia da quarentena foi questionada, em seguida a necessidade de um isolamento mais rígido, como o do *lockdown*. Não podemos esquecer das falsas informações compartilhadas que foram contra o uso de máscaras, a popularização do movimento anti-vacina vista no país como nunca e a forte propaganda ao redor de um precoce tratamento medicamentoso. A presente análise pretende identificar como os discursos de Jair Bolsonaro que descredibilizavam as principais medidas de proteção e contenção do vírus colaboraram, para um aumento significativo no número de casos e mortes por Covid-19.

5.1 Metodologia

Consideramos o Twitter como um espaço propício para a pesquisa, levando em conta o histórico da rede com grandes acontecimentos políticos e pela sua presença constante em debates de interesse público. A plataforma conta com uma sociabilidade virtual “onde ocorrem conversações em nível macro, ou seja, que se desenvolvem em um nível social e possuem características públicas de discussão” (SOARES, 2019).

Algumas das características da rede social tornam sua análise ainda mais relevante, como sua apropriação para circulação veloz de informações que encontram suporte nas ferramentas como *retweet* (RT) e o *reply*, que facilitam a propagação dos conteúdos. Além disso, Bolsonaro faz grande uso de sua hiperconectividade, sistema que privilegia usuários mais conectados do que usuários comuns (VAN DIJCK, 2013). O presidente recorre ao seu perfil no Twitter para pronunciamentos oficiais e novas estratégias de comunicação, como chamadas para suas transmissões ao vivo em outras redes sociais, publicação de feitos governamentais e para compartilhamento de informações relevantes sobre o brasileiro diante da pandemia.

Foram coletadas 717 publicações do perfil de Jair Bolsonaro entre março de 2020 e dezembro de 2021 que fazem menção ao universo pandêmico, contendo as palavras-chave "covid", "mascara", "isolamento", "cloroquina" e outras que você pode observar na figura 15. Utilizamos o plugin TAGS 6.1 para realizar a coleta da base de dados e recorreremos a um script em linguagem Python para realizar a limpeza, com objetivo de facilitar a análise.

Figura 15: Palavras-chave utilizadas para localizar os tweets relevantes para a pesquisa.

```

8 df['text'] = df['text'].apply(lambda x: unicode.unidecode(x)).str.lower()
9
10 keywords = ['mascara', 'covid-19', 'corona', 'covid', 'imun',
11             'vacin', 'isolamento', 'gripe', 'entub', 'infec', 'doenca', 'clinic',
12             'precoce', 'cloroquina', 'hidroxicloroquina',
13             'covid19', 'virus', 'coronavirus', 'pandemia', 'epidemia',
14             'sus', 'grip', 's.u.s', 'medic', 'enferm', 'linha de frente']
15
16 str_list = '|'.join(keywords)
17 df = df.loc[df['text'].str.contains(str_list)]

```

Fonte: Código em Python com biblioteca Pandas (2022)

A grande maioria das publicações visavam compartilhar informações sobre como o Governo Federal estava enfrentando o novo vírus e informar sobre suas transmissão ao vivo que tratariam do tema de alguma forma.

A Tabela 2 resume as principais informações da etapa de coleta e limpeza.

Tabela 2: Base e amostra de tweets coletados para análise

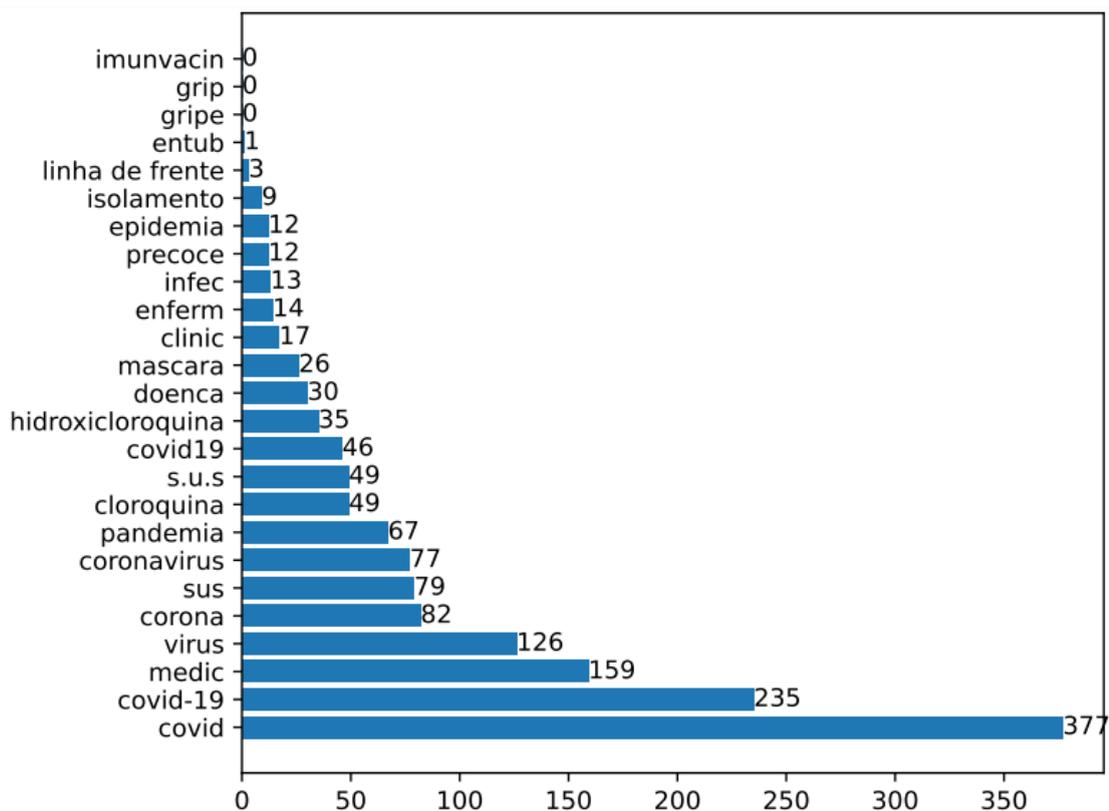
	Base geral	Amostra
Tweets	4.285	717
Período	março de 2020 a dezembro de 2021	
Palavras-chave	mascara, covid-19, corona, covid, imun, vacin, isolamento, gripe, entub, infec, doenca, clinic, precoce, cloroquina, hidroxicloroquina, covid19, virus, coronavirus, pandemia, epidemia, sus, grip, s.u.s, medic, enferm, linha de frente.	

Fonte: A autora (2022)

A partir daí, os dados foram processados para entender como o discurso bolsonarista afetou o combate a covid-19 e como essa postura pode ter colaborado para um número maior de casos e mortes pelo vírus. As publicações que faziam menção a notícias falsas tiveram sua URL verificada para identificar a sua relevância nas discussões que defendem ou deslegitimam as medidas de proteção. As publicações com maior número de repercussão, definidas através da quantidade de *likes* e *retweets*, foram submetidas a análise qualitativa, visando verificar o grau de desinformação presente e o seu impacto na batalha contra o corona vírus.

Para ter uma noção mais clara sobre como a distribuição das palavras-chave ocorrem durante o período analisado, separamos em um gráfico de colunas a quantidade de vezes que as palavras apareceram nos tweets do presidente.

Figura 16: Ranking de palavras-chave analisadas.



Fonte: A autora (2022)

5.2 Medidas de isolamento e distanciamento social

Desde que foi declarado o estado de emergência em decorrência da pandemia da Covid-19, como explicado no capítulo 2, encontramos diversas especulações e posicionamentos sobre qual seria a melhor forma de combater o novo vírus. O mundo inteiro parou para catalisar esforços capazes de conter o rápido avanço da doença.

No Brasil, o procedimento inicial adotado pelas autoridades da saúde para conter a disseminação do vírus foi a quarentena. Quando buscamos no dicionário, quarentena é o “período que devem passar num lugar isolado de pessoas, animais ou mercadorias, provenientes de país atacado de epidemia”. A medida de saúde pública foi adotada por diversos países como Espanha, França e Itália. O afastamento de pessoas ou animais que podem ter tido contato com a doença é um modo, cientificamente comprovado, de conter a transmissão da doença. Em de fevereiro de 2020, foi sancionada a Lei nº 13.979, que é a Lei Nacional da Quarentena, no combate à proliferação do coronavírus e dispõe sobre as medidas

para enfrentamento da epidemia da COVID-19 – doença causada pelo novo coronavírus conhecido pela comunidade científica de “SARS-CoV-2”⁵².

Em maio de 2020, com uma média de mais de 12.000 novos casos por dia⁵³, alguns governadores de estados brasileiros viram a necessidade de adotar medidas mais rígidas para conter o avanço da doença. O 'lockdown' é um protocolo de emergência que adere ao bloqueio total visando limitar a movimentação interna das pessoas, impedindo que haja contato e, assim, diminuindo a transmissão do coronavírus. Vale lembrar que consoante o Ministério da Saúde, a transmissão do novo coronavírus ocorre a partir do contato com objetos contaminados, secreções ou comunicação direta com pessoas infectadas.

A adesão de medidas não farmacológicas, como etiqueta respiratória, distanciamento social e higienização das mãos. É válido mencionar que no final de 2020 o Brasil encontrava-se entre os países com maior taxa de contágio do mundo⁵⁴, um portador do vírus poderia transmiti-lo para três pessoas. Regiões brasileiras que chegaram ao estado crítico de calamidade dos sistemas de saúde devido ao novo vírus, identificaram que a única saída seria uma maior restrição da circulação de pessoas. O primeiro estado a aderir foi o Maranhão, e em seguida o Pará.

Após a notificação dos primeiros casos da doença no país, vários estados e cidades adotaram o regime de distanciamento social, o índice variou entre 62% e 54% conforme o veículo digital Politize⁵⁵. Apesar disso, muitas pessoas começaram a não cumprir as recomendações em diversos locais do país. Já em março de 2020 o índice regrediu cerca de 20% segundo o IPEA.

A primeira menção do tema "isolamento social" na rede social de Jair Bolsonaro fazia referência a uma publicação do até então ministro da saúde Henrique Mandetta. Na publicação, havia um vídeo informativo sobre como dever

⁵² Coronavírus: quando o estado deve decretar lockdown? **Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe**, 2020. Disponível em <<https://al.se.leg.br/coronavirus-quando-o-estado-deve-decretar-o-lockdown/>>. Acessado em 9 de outubro de 2022.

⁵³ Covid-19 Brasil, **Our World in Data**. Disponível em <<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F015fr&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>>. Acessado em 9 de outubro de 2022.

⁵⁴ Brasil tem a maior taxa de contágio do coronavírus no mundo. **O Globo**, 2020. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/brasil-tem-maior-taxa-de-contagio-do-coronavirus-no-mundo-24403534>>. Acessado em 9 de outubro de 2022.

⁵⁵ Lockdown: como funciona? **Politize!**, 2020. Disponível em <<https://www.politize.com.br/lockdown/>>. Acessado em 9 de outubro de 2022.

ser o isolamento domiciliar em casos confirmados de corona vírus e pedia para que a informação fosse compartilhada.

Figura 17: Henrique Mandetta compartilha informações sobre isolamento domiciliar no Twitter.



Fonte: Twitter (2020)

Na data da publicação, o Brasil contava com um total de 1.021 casos da doença e 15 mortes. Quase 2 meses depois, no dia 16 de maio de 2020, Bolsonaro compartilha um vídeo do ministro da Cidadania Onyx Lorenzoni, falando sobre as medidas de combate e destaca o trecho "O desemprego, a fome e a miséria será o futuro daqueles que apoiam a tirania do isolamento total". Nesse momento, o país contava com 233.511 casos e 15.662 mortos, mostrando um aumento de mais de 100% dos números em menos de 2 meses. A publicação foi compartilhada mais de 7.000 vezes no twitter.

Figura 18: Bolsonaro critica medidas de isolamento social no twitter



Fonte: Twitter (2022)

Ainda em seu Twitter, Bolsonaro chegou a associar as medidas de proteção a causa de depressão e suicídio, compartilhando a manchete de uma notícia do jornal O Globo que dizia que “Depressão e suicídio devem marcar a nova onda da Covid-19”, no corpo do texto o jornal trata da situação como efeito de diversas consequências da pandemia e não necessariamente as medidas de isolamento social. Nesse momento, o presidente recorreu à falsa conexão (WARDLE, 2019) para perpetuar desordem informacional, já que descontextualizou o título da manchete do conteúdo.

Figura 19: Bolsonaro associa isolamento social à depressão e aumento de suicídio.

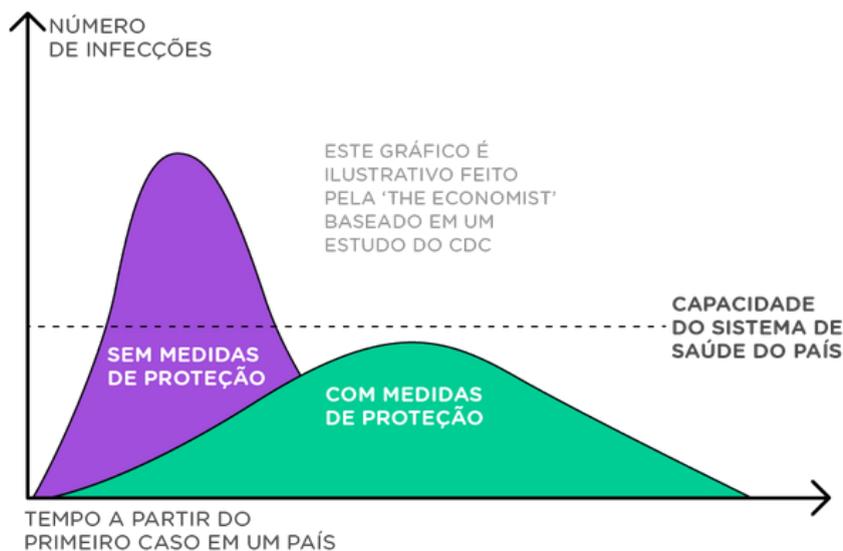


Fonte: Twitter (2022)

É importante lembrar que as medidas foram utilizadas como forma de retardar o contágio para que o sistema de saúde do país conseguisse dar conta da demanda. Tanto a quarentena quanto o isolamento diminuem a quantidade de pessoas que circulam pelas ruas, permitindo que as pessoas que realmente precisavam sair conseguissem circular em segurança. O objetivo sempre foi "achatar a curva"⁵⁶ para não permitir que o vírus causasse tumulto na população, espalhando as infecções em um período maior de tempo. O gráfico abaixo foi retirado do Nexo Jornal (2020) e explica como essas medidas podem auxiliar na proteção e no combate ao vírus.

Figura 20: A curva do coronavírus

⁵⁶ Como desacelerar a pandemia de coronavírus. **Nexo Jornal**, 2020. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2020/03/13/Como-medidas-de-controle-podem-desacelerar-a-pandemia-de-coronav%C3%ADrus>>. Acessado em 9 de outubro de 2022.



Fonte: The Economist, CDC (Centers for Disease Control and Prevention).

NEXO

Fonte: Nexo Jornal (2020)

5.3 O uso de máscaras

O uso de máscaras foi uma das medidas utilizadas para reduzir a taxa de infecção do vírus recomendada pela Organização Mundial da Saúde, a medida foi adotada por quase todos os países. O uso de modelos caseiros feitos em tecido, máscaras cirúrgicas ou máscaras especiais como o modelo N95 foram considerados obrigatórios em espaços públicos.

Para que seu uso seja eficiente, é preciso utilizá-la da forma correta. A Fiocruz⁵⁷ publicou em 2020 um informativo sobre o uso e cuidados que devem existir na hora de utilizar o método. Consoante a publicação, as famílias que pretendiam se proteger dentro das suas casas poderiam recorrer às máscaras de pano com algumas especificações, como conter duas camadas de pano, ser individual e cobrir totalmente o nariz e a boca. É importante, também, manter o material higienizado da forma correta, bem ajustado ao rosto, sem deixar espaços nas laterais. Para realizar a higienização das máscaras, o usuário deve lavar com sabão ou água sanitária, permanecendo de molho por cerca de 20 minutos, para manutenção do autocuidado, e ser trocada quando ficar úmida.

⁵⁷ Covid-19: Orientações sobre o uso de máscaras de proteção. **FIOCRUZ**, 2020. Disponível em <<https://www.fiocruzbrasil.br/covid-19-orientacoes-sobre-o-uso-de-mascaras-de-protecao/>>. Acessado em 17 de outubro de 2022.

Dentre os modelos considerados eficientes para o combate ao novo vírus, a máscara de tecido foi a mais utilizada, estando presente na rotina de 91,4% dos brasileiros, de acordo com pesquisa realizada pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca em 2020. A máscara facial de tecido, de uso não profissional, conta com uma média de 40% de proteção. Já a máscara cirúrgica, produzida em indústrias com materiais específicos que retêm gotículas e filtram microorganismos, contam com 89% de proteção e foi mencionada por 6,6% dos entrevistados. Outros modelos recomendados pela OMS durante o período inclui a KN95, que contavam com 95% de proteção, e a PFF2 com 98% de proteção sendo mencionadas por 1,8% dos entrevistados.

Diversos estudos comprovaram que o uso de máscaras está associado à diminuição das taxas de infecção por COVID-19. Mesmo com a ampla recomendação e da obrigatoriedade legal do uso, uma parcela da população em diversos países, como os Estados Unidos, Reino Unido e Brasil, se recusaram a usá-la e argumentaram que a obrigatoriedade fere sua liberdade individual⁵⁸.

Em matéria eletrônica no Poder 360, Paula Schmitt fala que o uso de máscara é uma espécie de "dilema do prisioneiro da pandemia", já que os usuários devem utilizar a máscara não para proteção própria, mas para proteger o outro. A autora reflete sobre a questão do uso e a liberdade individual da seguinte forma:

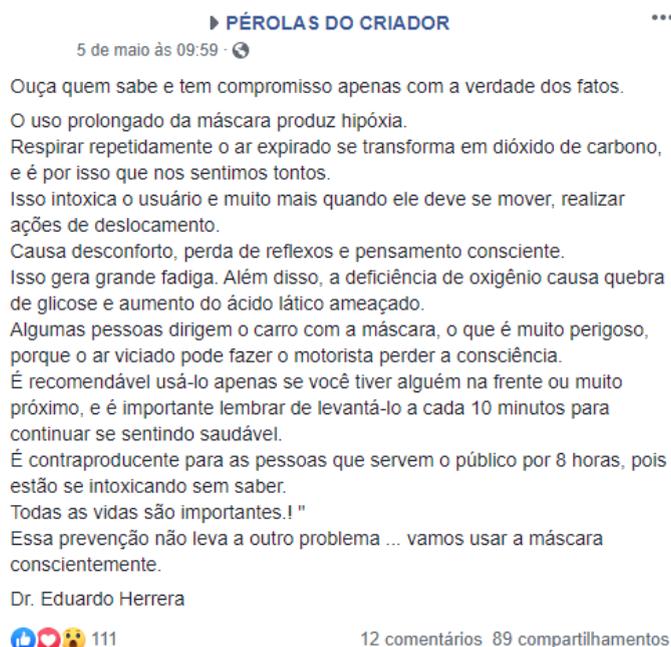
A questão da liberdade não é tão simples, porque ela pressupõe uma preeminência –uma liberdade que será privilegiada em detrimento de outra. No caso da máscara, a sua liberdade de não usá-la afeta diretamente a minha liberdade de não ser contaminado por você em um lugar público ao qual eu tenho direito de acesso. Por que a minha liberdade é mais importante que a sua? Porque a ausência da minha significaria possível morte, enquanto a ausência da sua significaria apenas um desconforto. (SCHIMITT, 2020).

Muito mais foi posto além da argumentação de que a obrigatoriedade feria o direito da liberdade individual. Um dos principais conteúdos desinformativos compartilhados sobre o uso de máscaras foi que poderia causar "hipóxia", uma deficiência de oxigênio. Algumas postagens falavam até que o uso poderia até mesmo levar a óbito. A notícia foi desmentida pelo médico Yves Coppieters, epidemiologista e professor de saúde pública da Universidade Livre de Bruxelas,

⁵⁸ Minha liberdade termina quando começa a sua, escreve Paula Schmitt. **Poder 360**. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/opiniao/minha-liberdade-termina-quando-comeca-a-sua-escreve-paula-schmitt/>>. Acessado em 9 de outubro de 2022.

que disse "a máscara não é um circuito fechado, ela permite que o oxigênio passe" ao jornal O Tempo⁵⁹. A esse pensamento, soma-se também a ideia de que com as máscaras respiramos o CO2 que emitimos, mas isso não é verdadeiro. Também para o jornal O Tempo, Shane Shapera, diretor do programa de doenças pulmonares do Canadá, explica que como o circuito não é fechado, quase todo o ar expirado escapa.

Figura 21: Publicação no Facebook que compartilha falsa informação sobre o uso de máscaras.



Fonte: Postal Saúde (2020)

Informações enganosas como a que é mostrada acima, podem ter ganhado apoio e credibilidade com base no comportamento do presidente. De acordo com matéria publicada pelo Poder 360, o presidente não usou máscara em 7 de cada 10 eventos oficiais realizados no período de março de 2020 e maio de 2021. Em Junho de 2021 o Estadão realizou o levantamento das informações sobre o uso de máscara por parte do atual presidente da república e diz que "desde o início da pandemia da Covid-19, o presidente Jair Bolsonaro passou a maioria dos

⁵⁹ 3 fake news para justificar o não uso da máscara contra Covid: saiba a verdade. **O Tempo**, 2020. Disponível em <<https://www.otempo.com.br/interessa/3-fake-news-para-justificar-o-nao-uso-da-mascara-contra-covid-saiba-a-verdade-1.2382047>>. Acessado em 11 de outubro de 2022.

compromissos sem máscara e provocou aglomeração (CONCONI, PONCEANO, MARIN, KRUSE, 2021)⁶⁰. A pesquisa vai além na análise e afirma que:

Ele [Jair Bolsonaro] ficou sem a proteção ao longo de toda a agenda em sete a cada dez eventos, ou 73% dos casos, viajou a 76 cidades do País e provocou 99 aglomerações, de acordo com levantamento do Estadão a partir de dados extraídos do perfil oficial do Palácio do Planalto no Flickr, uma plataforma que funciona como banco de imagens. (CONCONI, PONCEANO, MARIN, KRUSE, 2021)

Ainda em 2020, mesmo com todas as recomendações dos principais órgãos de saúde, o presidente Jair Bolsonaro decidiu vetar a obrigatoriedade do uso de máscaras em local fechado no dia 3 de julho. Nesse momento o país contava com um total de 1.546.935 casos da doença e 63.350 mortes. O despacho do presidente no Diário Oficial da União, vetava o trecho da lei que tornava obrigatório o uso de equipamento de proteção individual em locais fechados onde há reunião de pessoas, como estabelecimentos comerciais.

É importante mencionar que o decreto apenas retirava a obrigatoriedade das máscaras em locais fechados, em ambientes públicos como transportes públicos, o uso permaneceu obrigatório. De acordo com matéria publicada pela Exame⁶¹, o uso de máscaras em espaços públicos e privados já era considerado obrigatório devido à força de decretos de alguns governos estaduais e municipais, inclusive, em alguns casos, com a aplicação de multa.

Após avanço tardio da vacinação, o presidente voltou a defender o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras. No dia 9 de setembro de 2021, a CNN publicou uma matéria eletrônica informando que o Jair Bolsonaro estaria pressionando Marcelo Queiroga⁶², Ministro da Saúde, a definir uma data e assinar um decreto para que a utilização das máscaras contra a Covid-19 deixasse de ser obrigatória no país. Na data da publicação da matéria, contávamos com um total de

⁶⁰ Eventos de Bolsonaro durante a pandemia. **Estadão**, 2021. Disponível em <<https://arte.estadao.com.br/politica/2021/06/deslocamentos-jair-bolsonaro-pandemia/>>. Acessado em 17 de outubro de 2022.

⁶¹ Bolsonaro veta obrigatoriedade de uso de máscaras em locais fechados. **Exame**, 2020. Disponível em <<https://exame.com/brasil/bolsonaro-veta-obrigatoriedade-de-uso-de-mascaras-em-locais-fechados/>>. Acessado em 17 de outubro de 2022.

⁶² Queiroga estaria sendo pressionado por Bolsonaro a decretar fim do uso de máscara. **CNN**, 2021. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/queiroga-estaria-sendo-pressionado-por-bolsonaro-a-decretar-fim-do-uso-de-mascara/>>. Acessado em 16 de outubro de 2022.

66.093.601 pessoas totalmente vacinadas conforme os dados publicados pelo Our World In Data.

Durante o período analisado, não foi encontrada nenhuma publicação no Twitter de Bolsonaro que indique diretamente um incentivo ao não uso das máscaras de proteção. A única vez em que o presidente aborda o tema diretamente é para defender o uso não obrigatório para aqueles que já foram vacinados. Ainda assim, isso não é feito de forma direta e sim como um informe dos tópicos debatidos durante uma das *lives* presidenciais, como mostra a figura abaixo:

Figura 22: Twitter de Bolsonaro informando os temas debatidos em transmissão ao vivo.



Fonte: Twitter (2022)

A mesma pesquisa realizada pela ENSPSA do Rio de Janeiro⁶³ (2020), levantou dados sobre o uso de máscaras em 133 cidades que representam as cinco grandes regiões brasileiras. A pesquisa entrevistou 122.647 indivíduos durante os meses de junho, julho e agosto de 2020, mostrou que a máscara não estava sendo utilizada por 50% dos entrevistados. No período, ainda estávamos sem previsão de iniciar a vacinação contra a covid-19 e o país contava com um total de 121.618 mortos consoante os dados disponibilizados pelo Our World In Data.

5.4 Kit Covid

⁶³ Uso de máscara durante a pandemia de COVID-19: resultados do estudo EPICOVID19-BR. **CSP**, 2022. Disponível em <<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1784/uso-de-mascara-durante-a-pandemia-de-covid-19-no-brasil-resultados-do-estudo-epicovid19-br>>. Acessado em 17 de outubro de 2022.

A pandemia de Covid-19 não mobilizou o mundo inteiro apenas pela busca por uma vacina capaz de combater os efeitos da doença, mas também buscou-se a comprovação científica de que alguns medicamentos poderiam ser eficientes para amenizar os impactos do novo vírus. Diante do ritmo da vacinação, seria mais que oportuno encontrar remédios que conseguissem eliminar a doença. Porém, até o momento de finalização da pesquisa, não há dados que comprovem a eficiência de qualquer método medicamentoso no combate ao coronavírus.

De acordo com Santos, Miranda e Osorio-de-Castro (2021) desde o início da pandemia muitos medicamentos utilizados em outras doenças foram propostos como possibilidades terapêuticas contra a Covid-19, ficando conhecidos como medicamentos "reposicionados". Entre eles encontramos a cloroquina, hidroxicloroquina, ivermectina, nitazoxanida, remdesvir e azitromicina.

Alguns desses medicamentos passaram a integrar o "Kit Covid" ou "tratamento precoce da Covid" no Brasil. A medida foi referendada por autoridades públicas e médicos, além de ter sido bastante difundida nas redes sociais. A iniciativa "supostamente" trataria a covid-19 de forma precoce e evitaria hospitalizações e mortes.

Pesquisadores da USP relatam em artigo como ocorreu a disseminação do tratamento precoce, eles explicam que no início da pandemia o número crescente de hospitalizações e mortes causadas pela infecção do sars-cov-2 motivou profissionais e pesquisadores a buscarem possíveis tratamentos para a covid-19. Nessa época, vários medicamentos começaram a ser testados contra a doença.

Mesmo sendo reprovado pela comunidade científica, o uso dos medicamentos reposicionados, passou a ser amplamente adotado em diferentes países, inclusive nos Estados Unidos. Nos tópicos anteriores, identificamos um desestímulo do governo federal brasileiro a intervenções como uso de máscara e distanciamento social. Por outro lado, ações que estimulavam o uso do Kit Covid estavam presentes na estratégia de combate a pandemia. Foi nessa época, que o Conselho Federal de Medicina do Brasil emitiu uma nota autorizando a prescrição de hidroxicloroquina para casos de covid-19 ainda no início dos sintomas.

O Ministério da Saúde chegou a publicar um protocolo orientando o uso de hidroxicloroquina e azitromicina em pacientes com covid-19 não hospitalizados. Tudo isso ocorreu mesmo com a ausência de evidências científicas que comprovassem a eficácia e a segurança dos medicamentos contra o vírus.

De acordo com o artigo mencionado anteriormente, o respaldo do Conselho Federal de Medicina e do protocolo do Ministério da Saúde, uma associação médica chamada "Médicos pela Vida" foi criada para promover o Kit Covid no Brasil, com um apoio explícito do Governo Federal e uma forte presença nas redes sociais, a medida influenciou muitos profissionais da área da saúde a recomendar o uso dos medicamentos. Nos primeiros meses, operadoras de plano de saúde e prefeituras passaram a distribuir o kit para prescrição aos pacientes. Leonardo Furlan diz que:

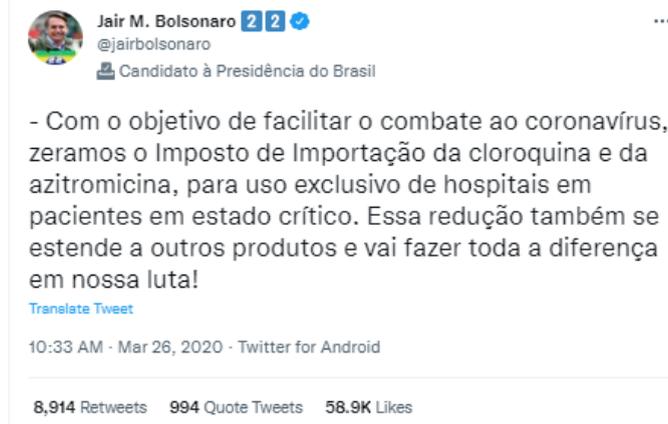
O 'kit covid' tem sido promovido e prescrito no Brasil com base em evidências anedóticas, experiências e opiniões pessoais, estudos in vitro com dosagens de medicamentos excedendo os limites de segurança em humanos, estudos clínicos de baixa qualidade metodológica, revisões sistemáticas com metanálises sem qualquer credibilidade, ideologia política e a chamada 'autonomia médica' (FURLAN, 2021).

Conforme o pesquisador, nunca houve um embasamento científico que justificasse a prescrição desses medicamentos fora de um contexto de pesquisa. Além de disso, existem diretrizes claras de entidades médicas e científicas internacionais que contraindicam o uso do "kit covid" pelos malefícios que essas drogas podem trazer aos pacientes. Em julho de 2021 o Ministério da Saúde admitiu em documentos enviados à CPI da Covid⁶⁴ que os medicamentos que compõem o kit são ineficazes contra o vírus.

O termo "cloroquina" apareceu 49 vezes no Twitter do presidente Jair Bolsonaro, grande incentivador do tratamento precoce. O presidente recorreu à sua rede social para disseminar informações não comprovadas sobre a eficácia do tratamento medicamentoso e anunciou ter reduzido o imposto sobre a cloroquina com o objetivo de "facilitar o combate ao coronavírus". Mesmo sem nenhum respaldo médico ou científico, o presidente continuou a incentivar o uso da medicação.

⁶⁴ Saúde admite ineficácia de cloroquina e outros medicamentos do "Kit Covid". **UOL**, 2021. Disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/congresso-nacional/saude-admite-ineficacia-de-cloroquina-e-outros-medicamentos-do-kit-covid/>. Acessado em 17 de outubro de 2021.

Figura 23: Bolsonaro informa ter reduzido o imposto sobre cloroquina.



Fonte: Twitter (2022)

Figura 24: Bolsonaro fala que a hidroxicloroquina é um medicamento eficiente no combate a covid-19 em seu twitter.



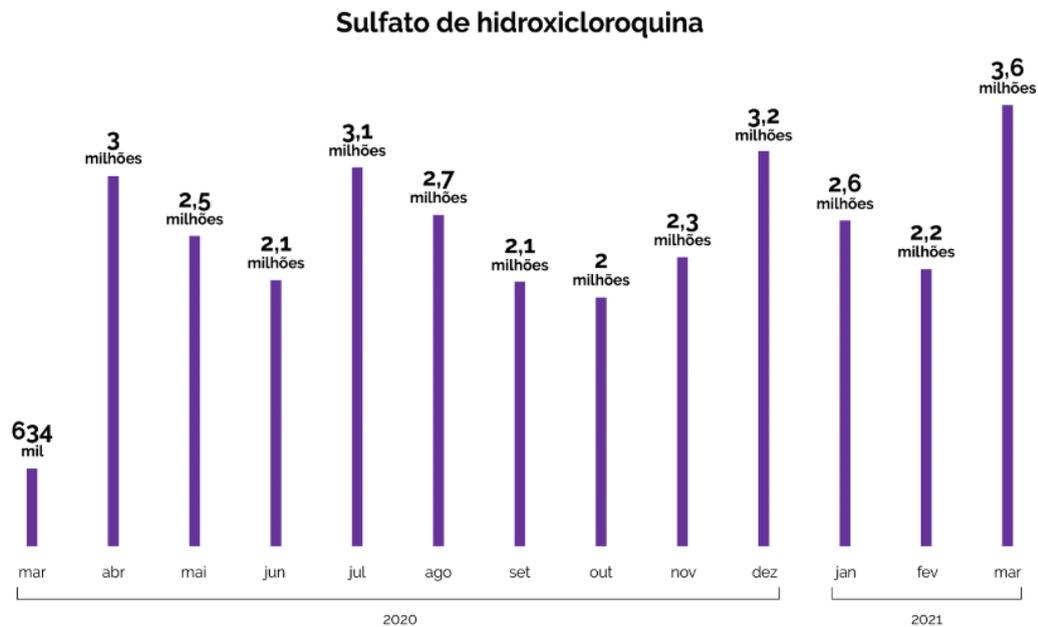
Fonte: Twitter (2022)

Os efeitos de tamanha propaganda e incentivo são facilmente observados no número de vendas das medicações. Segundo matéria publicada pelo El País⁶⁵, farmácias brasileiras venderam mais de 52 milhões de comprimidos de quatro medicamentos do kit covid em um ano de pandemia. O levantamento diz apenas

⁶⁵ Farmácias venderam mais de 52 milhões de comprimidos do "kit covid" na pandemia. *El País*, 2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-21/farmacias-venderam-mais-de-52-milhoes-de-comprimidos-do-kit-covid-na-pandemia.html>. Acessado em 17 de outubro de 2022.

sobre o número de vendas dos medicamentos em farmácias privadas, não incluem o que foi aplicado em hospitais ou dispensado em postos de saúde do SUS. A hidroxicloroquina foi o comprimido mais vendido desde março de 2020.

Figura 25: Número de vendas de hidroxicloroquina em comprimidos por mês.



Fonte: El País (2021)

A azitromicina ocupa o segundo lugar nas vendas, com mais de 13 milhões de comprimidos vendidos em farmácias brasileiras no mesmo período. A pesquisa ainda aponta que a venda da substância passou de uma média de 711.000 comprimidos por mês em 2019 para 1 milhão ao mês durante a pandemia. As medicações são prescritas para o tratamento de malária, doenças como lúpus e artrite reumatoide, no caso da hidroxicloroquina. Bronquite, pneumonia, sinusite e faringite, no caso da azitromicina.

5.5 Vacina

Em janeiro de 2021, o Brasil começou a sua campanha de vacinação contra o coronavírus. Já havia se passado um ano desde que a primeira dose foi aplicada no estado de São Paulo. Em outubro de 2022, o Brasil registrava a vacinação de 84,64% da sua população com pelo menos uma dose da vacina. Para a Fiocruz, apesar de não ter cobertura suficiente em termos de saúde pública para um cenário

de total segurança, a campanha pode ser considerada um sucesso. O pesquisador Luiz Antônio Bastos Camacho, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, diz que:

Por ter sido direcionada a adultos, a vacinação contra a Covid-19 é extremamente exitosa, pois nosso histórico de sucesso nas campanhas é muito maior em crianças. Quando convocamos adultos para vacinar, como no caso da influenza, tivemos números parecidos com os que temos agora na Covid-19, que foi o melhor que conseguimos apesar do posicionamento controverso de algumas autoridades (CAMACHO, 2022).

Até o momento de início da campanha vacinal, como já visto, o Brasil percorreu um longo caminho em busca da imunização. Presenciamos o discurso de um presidente que associou as vacinas contra a covid-19 a AIDS, insinuou que as pessoas poderiam se transformar em jacaré e que fez parte de um escândalo de corrupção que envolveu a compra das vacinas.

No Twitter do presidente, a história começou com sua primeira publicação no dia 18 de março de 2020. A publicação mostrava um vídeo de depoimento do então ministro Mandetta, informando sobre os avanços das pesquisas. Ao longo do primeiro ano de pandemia, diversas foram as declarações feitas por Jair Bolsonaro que atacavam a vacina ou questionavam a sua eficácia.

No dia 15 de dezembro de 2020, o chefe do estado afirmou que não iria se vacinar, de acordo com matéria publicada pelo Poder360. Em entrevista à Rede Bandeirantes, o presidente afirmou não ser contra a vacina, mas insistiu ser plenamente favorável ao tratamento preventivo, discutido anteriormente. Ainda de acordo com matéria publicada pelo Poder360, no dia 17 de junho de 2021 o presidente afirmou estar vacinado entres aspas, já que todos contraíram o vírus estão vacinados, até de forma mais eficaz que a própria vacina. No dia 8 de dezembro de 2021 o presidente afirma mais uma vez que não vai tomar vacina e que a decisão é um direito de quem não quer tomar.

O discurso negacionista de Bolsonaro ampliou a presença de um movimento antivacina no Brasil. Para Pasternak (2022) o movimento nunca teve presença forte no Brasil, porque a população brasileira sempre confiou nas vacinas. A autora diz que um programa nacional de imunizações de excelência garantiu, durante os últimos 50 anos, que o país não sofresse os impactos do negacionismo de vacinas com o mesmo impacto dos Estados Unidos e Europa.

Porém, recentemente o cenário começou a apresentar mudanças. Paternack relata que em novembro de 2020 a primeira associação brasileira deliberadamente anti vacinas fez sua assembleia inaugural . A Associação Brasileira de Vítimas de Vacinas e Medicamentos (Abravac) se consolida formalmente em fevereiro de 2021 por uma exibição de depoimentos "assustadores" que falam sobre supostos efeitos adversos e os perigos da vacinação. Para a autora esse discurso obscurantista aparece disfarçado de defesa das liberdades individuais e da disseminação do medo.

A microbiologista afirma que na gestão do ministro Marcelo Queiroga o negacionismo virou política de saúde pública e que a desinformação sobre vacinas no Brasil hoje vem de fonte oficial, disseminadas pelo presidente da república e seus ministros, disfarçada de medo e desconfiança.

O comportamento descrito pode ser observado em matéria publicada no Estadão, que mostra que em live transmitida no dia 21 de outubro de 2021, Jair Bolsonaro atacou as vacinas e disse que "relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados estão desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS) muito mais rápido do que o previsto". O presidente teria lido um texto do Before It's News, site famoso por espalhar informações falsas sobre vacinas e teorias da conspiração na internet. O mesmo texto foi desmentido por agências de checagens como Fato ou Fake, Aos Fatos e AFP Checamos.

No perfil de Jair Bolsonaro no twitter, não foram encontradas declarações que fazem menção direta ou estimulam de alguma forma o movimento anti-vacina. Em seu perfil, o presidente optou por compartilhar informações de relevância pública informando seus seguidores sobre os avanços vacinais e sobre negociações de insumos para produção das doses, como mostra a figura 23.

Figura 26: Jair Bolsonaro fala sobre compra de insumos para produção da vacina contra Covid-19 no Brasil.



Jair M. Bolsonaro **2** **2** ✓

@jairbolsonaro

Candidato à Presidência do Brasil



- Embaixada da China nos informou, pela manhã, que a exportação dos 5400L de insumos para a vacina Coronavac, aprovada e já estão em vias de envio ao 🇧🇷, chegando nos próximos dias.

- Assim também os insumos da vacina Astra-Zeneca que estão com liberação sendo acelerada. (Segue)

[Translate Tweet](#)

4:16 PM · Jan 25, 2021 · Twitter for iPhone

5,466 Retweets 984 Quote Tweets 38.1K Likes

Fonte: Twitter (2022)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da análise dos dados, foi possível observar a influência e a importância das redes sociais no combate ao coronavírus. Não há dúvidas de que o debate foi fomentado e amplamente discutido em espaços virtuais de interação social por órgãos e autoridades públicas. No entanto, a performance bolsonarista no ciberespaço causou danos consideráveis à prevenção do vírus e o próprio presidente insistiu em utilizar sua capacidade de mobilização digital para propagar desinformação a respeito de métodos preventivos.

Não podemos afirmar que a culpa dos números desastrosos oriundos da pandemia são exclusivamente do comportamento de Jair Bolsonaro nas redes sociais. Mas a pesquisa evidencia como as estratégias de descredibilização da ciência e da mídia impactaram a vida de milhares de brasileiros. O que notamos é que as publicações do presidente colaboram para que uma parte da população brasileira rejeitasse as medidas de proteção, ficando mais vulneráveis aos impactos do novo vírus.

A personalização das redes sociais, os filtros e a base de dados (PARISER, 2012) mostram como estamos suscetíveis a nos desvincular de uma rede de debate diferente do nosso interesse, nos mantendo em bolhas onde tendemos a encontrar um pensamento parecido, dificilmente encontrando qualquer oposição.

O impulsionamento da indústria da desinformação é um dos malefícios desse fenômeno, informações falsas que estão cada vez mais robustas e bem produzidas encontram um caminho pouco obstruído para sua veiculação. Para Almeida, Calazans e Dantas (2022) o refinamento na criação de informações enganosas cria uma “cortina de fumaça” entre o público e o jornalismo comprometido com a verdade.

É possível concluir, também, que o Twitter do presidente Jair Bolsonaro desempenhou um forte papel para a publicação de ações governamentais de combate à pandemia, assim como foi um importante veículo de comunicação para a propaganda da morte, feita através da disseminação de informações falsas. Esta monografia visa contribuir para um novo cenário de estudos sobre a internet, trazendo algumas informações básicas para a compreensão do funcionamento das redes sociais digitais, e as disputas políticas que atuam nesse espaço. Por fim, este

trabalho também abre espaço para outras discussões que não tiveram como ser abordadas nesta monografia, mas que contribuíram para a estruturação do debate, como uma análise mais detalhada dos algoritmos das redes sociais e seus impactos na Esfera Pública, a análise do comportamento de outros líderes populistas na internet e o impacto social do populismo digital.

7 REFERÊNCIAS

ALELUA, Débora. **O QUE É GOLDEN SHOWER?: OS EMBATES ENTRE A DEMOCRACIA E AS DECLARAÇÕES DE JAIR BOLSONARO NO TWITTER**, 2019.

ALMEIDA, Cecilia; CALAZANS, Janaina; DANTAS, Ivo Henrique. **(DES)INFORMAÇÃO EM CÂMARAS DE ECO DO TWITTER: disputas sobre a cloroquina na pandemia da Covid-19**. Revista Observatório, 2020.

AMARAL, Inês; SANTOS, Sofia José. **Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade**. Universidade de Coimbra, 2019.

AZEVEDO, Sandson Barbosa. **A construção da democracia através das redes sociais**. Brasília, DF:CONSAD, 2014.

BOLSONARO, Jair. **O desemprego, a fome e a miséria será o futuro daqueles que apoiam a tirania do isolamento total**. 16 de maio de 2020, 9:19 am. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em [:https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1261632430634602496](https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1261632430634602496). Acesso em: 18 out. 2022

BOZDAF, E. **Bias in algorithmic filtering and personalization**. Ethics and information technology, 2013.

BRITES, M. J., Amaral, I., & Catarino, F. (2018). **A era das "fake news": o digital storytelling como promotor do pensamento crítico**. Journal of digital Media & Interecation.

CALIL, Gilberto Grassi. **A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista**. Scielo Brasil, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.236>. Acessado em 18 out. 2022.

CANCLIN, Nestor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 1 v.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Zahar, 2018.

CASTRO, CUNHA, HOFFMANN, LEMES, MACEDO, OLIVEIRA, PARZIANELLO e SOUZA. **América Latina em Perspectiva: cultura política, crise da democracia liberal e ressurgimento autoritário**. Foz do Iguaçu, PR: CLAEAC, 2021.

Observatório Covid-19: aumenta de ocupação de leitos de UTI demanda atenção. Regina Castro. **Agência Focruz de Notícias**, 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-aumento-de-ocupacao-de-leitos>

TER 1 SOCIAL MEDIA AND FILTER BUBBLES IN POLITICAL CONVERSATIONS ON TWITTER/links/595f8cb00f7e9b8194e7c4ad/MIDIA-SOCIAL-E-FILTROS-BOLHA-NAS-CONVERSACOES-POLITICAS-NO-TWITTER-1-SOCIAL-MEDIA-AND-FILTER-BUBBLES-IN-POLITICAL-CONVERSATIONS-ON-TWITTER.pdf>. Acesso: 18 out. 2022.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. United States Of America: Oxford University Press, 2013.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. 2017

ZENHA, Luciana. **Redes sociais online: O que são as redes sociais e como se organizam?** MG, Caderno de Educação, 2018.